

As notícias da RTP1, SIC, TVI e o on-line

Novembro, 2006

working report

As notícias da RTP1, SIC, TVI e o on-line

Gustavo Cardoso, Sandra Amaral

OberCom 2006

Introdução

O relatório que em seguida se apresenta resulta da análise de dados recolhidos no estudo “*O Impacto da Internet nos Mass Media Portugueses*”, apoiado pela FCT.

São aqui abordadas as apropriações da Internet realizadas no contexto de três empresas de jornalismo televisivo português, visíveis nos respectivos sites, focando também as perspectivas dos seus profissionais no que diz respeito às mudanças introduzidas pela Internet, nomeadamente ao nível da produção e distribuição da informação noticiosa, da relação com o público-utilizador da mesma, bem como sobre quais as futuras tendências do jornalismo televisivo on-line.

Na análise detectou-se a existência de uma cultura organizacional moderadamente favorável ao uso da Internet no contexto do jornalismo televisivo português, a par da constatação da necessidade de efectuar rupturas de carácter funcional e conceptual face ao modelo de jornalismo televisivo tradicional, e dos obstáculos (sociais, culturais e financeiros) com as que as televisões se deparam.

Sendo a televisão o media com maior número de utilizadores (telespectadores) e também aquele a que concedemos mais horas do nosso dia a dia, é natural que tenha sido ela a principal prejudicada pela entrada em cena da internet. Quem usa internet vê menos televisão, tanto em Portugal quanto na maioria dos países mais desenvolvidos. Daí, que seja fundamental compreender que estratégias a televisão procura colocar no terreno para tirar partido da internet e como essa utilização cria um novo hipertexto mental entre diferentes media, ou seja como a televisão está a contribuir para o fim da comunicação de massas e a sua substituição pela comunicação em rede.

O texto que a seguir se apresenta contém a análise das emissões dos telegjornais da RTP1, SIC e TVI ao longo de um conjunto de semanas dos anos de 2004/2005.

Após a análise aqui realizada, a experimentação televisiva na internet tem continuado e com ela, também, a procura de inovação e de manutenção de receitas num negócio já com quase 50 anos de presença diária nas nossas salas e vidas.

No entanto, as bases estruturais do processo de convivência entre Internet e Televisão parecem ter sido já definidos, pelo que este estudo se detém, essencialmente, sobre esse contributo analítico: os traços estruturais da relação entre televisão e Internet traçados na primeira metade da década de 2000.

Gustavo Cardoso

A televisão na internet: uma mais valia funcional e social

A televisão, como se comprova por variados estudos¹, é o *mass media* mais apropriado pela generalidade da população portuguesa. Contudo, os elevados custos materiais associados à produção televisiva e ao pagamento do aluguer das redes de transmissão não são comparáveis com os custos despendidos com a distribuição através da Internet, onde uma parte dos custos são transferidos para o utilizador considerando que este necessita de adquirir um computador, um modem e de pagar a ligação à Rede.

Por outro lado, a Internet promove uma única tecnologia de entrega ou distribuição - a digital - a qual pode ser efectuada a qualquer momento e, teoricamente, em qualquer lugar, ao contrário da transmissão televisiva que assenta em duas bases distintas como sendo as ondas hertzianas e o cabo.

Também a erosão do espaço se assume como uma das grandes vantagens do novo meio. Com efeito, os *mass media* on-line operam na Internet a uma escala global, não condicionada pela distância e/ou pela geopolítica, podendo o utilizador ter acesso à informação em qualquer ponto do globo desde que tenha o equipamento necessário para estabelecer a ligação à Rede. Uma outra vantagem está associada ao tempo. Ao contrário da televisão que baseia a transmissão dos seus programas numa grelha que divide o dia em quatro períodos, com programas específicos para cada um deles, os media on-line disponibilizam os seus conteúdos e serviços 24 horas por dia, com actualizações regulares, mantendo as informações anteriores em arquivo. Assim, o público acede à informação de acordo com as suas preferências e ritmos, tendo a possibilidade de explorar um dado assunto no arquivo.

A televisão passou da caixa, primeiro castanha, depois preta e hoje cinza metal, para estar presente nos computadores e telemóveis. Para além disso, com a Internet, a televisão passou a ser a SIC, a RTP, a TVI mas também todos os Rocketboom que se podem encontrar quando se pesquisa on-line no Google por “vlog” ou se usa a plataforma *Democracy TV* para criar e difundir on-line programas de televisão.

Ver televisão on-line é também consumir televisão de um modo diferente, trata-se de consumo mais activo no sentido em que o utilizador se orienta pelas suas próprias necessidades, interesses e ritmos. Já a experiência de consumo televisiva está mais associada ao contexto doméstico/familiar, e a um tipo de consumo menos interactivo, no sentido em que o espectador está condicionado pela oferta e o seu consumo lhe exige menos atenção considerando promovendo a acumulação simultânea de tarefas (algo diferente do *multitasking* onde se usam vários media ao mesmo tempo).

A mudança introduzida pela Internet na televisão ocorre em duas fases. A primeira corresponde à extensão da televisão para o espaço *on-line*. A segunda fase, dependendo da capacidade tecnológica, da estratégia e do

¹ Cardoso (2005)

modelo identitário original, apresenta a possibilidade de evoluir, ou não, para novos modelos televisivos que promovem as lógicas de rede entre diferentes *media*.

Com efeito, a presença na Internet pode, na sua tendência maximizada, contribuir para a emergência de uma *televisão em rede* interagindo com diversos outros *media*, pessoais ou de massa, e conteúdos diversificados ou, numa dimensão de menor mudança, estabelecer apenas pontes frágeis entre dois *media* sem real interação entre si: *a televisão para ser apenas vista e a Internet para ser navegada*. Digamos que, em última análise, o grau de mudança que a Internet introduz na televisão está dependente da escolha que a empresa televisiva quiser fazer ou deixar realizar (Kueng, 1999).

No que diz respeito ao contexto português, a apropriação da Internet por parte das televisões generalistas faz-se a partir dos meados da década de 90, na sequência da implementação da Sociedade da Informação em Portugal, enquanto novo modelo de desenvolvimento, do advento da *World Wide Web* e, em particular, do surgimento dos portais, da massificação do uso da Rede e da emergência de projectos (inter)nacionais de jornalismo on-line.

A estação de serviço público foi a primeira televisão a marcar presença na Internet (em 1995), seguida da TVI (1996) e da SIC (em 2001). Mas ultrapassada a época da «euforia tecnológica», em que os grupos económicos de comunicação social apostaram forte na Internet enquanto nova fonte de lucro e reforço da imagem de marca, seguiu-se um momento de redimensionamento do investimento. Os recursos (financeiros, humanos, técnicos e tecnológicos) a afectar às edições on-line foram reajustados, entre outros factores, devido à não correspondência por parte do mercado no investimento publicitário on-line e da reduzida audiência, numa época marcada pela recessão económica à escala europeia.

Digamos que as expectativas em torno na nova economia foram goradas e que hoje as estações televisivas se confrontam com a redução do investimento publicitário e com a necessidade de abandonar o modelo da «convergência». Enquanto se aguarda por tempos mais favoráveis ao investimento na rede, importa promover a imagem de marca associada à respectiva estação televisiva, assegurar a fidelização do público, manter os olhos postos na concorrência e, ponto importante, não aumentar (mais) os prejuízos financeiros com o on-line tentando assegurar pelo menos receitas que cubram os custos.

O lugar da televisão portuguesa on-line no contexto europeu

A análise de diversos estudos sobre a realidade televisiva na Europa - Aquino e Bierhoff (2002) ou Shahin (2002) e Punie (2002) - permitem-nos chegar a uma possível tipificação da presença *on-line* das televisões (Tettamanzi, 2000), tal como se expõe no quadro seguinte.

Quadro 1:

Modelos de presença na Internet dos principais canais televisivos europeus

Modelo	Características dominantes	Exemplos
<i>Internet de notícias</i>	Função informativa predominante; forte identidade própria das redacções <i>on-line</i> ; Competindo para no <i>on-line</i> atingir o mesmo estatuto que a informação televisiva já possui.	BBCNews (RU) CNN.com (EUA)
<i>Aprofundamento de notícias</i>	Complementaridade da informação prestada em canal televisivo; Aprofundamento dos temas tratados nos blocos informativos ou introdução de novas áreas.	SIC (Portugal) France 2 (França)
<i>EPG alargado</i>	Promoção dos seus programas de entretenimento; Levar quem navega na Internet a ver os seus programas de entretenimento na televisão.	TF1 (França) Canale 5 (Itália)
<i>Portal televisivo de conteúdos</i>	Permitir ao utilizador a escolha do que melhor servirá os seus interesses no acervo disponível; Apelo à consulta do que há produzido especificamente para o <i>on-line</i> .	RAI (Itália)
<i>Portal televisivo institucional</i>	Portal de carácter essencialmente institucional, Informação institucional sobre os programas dos seus canais.	TVE (Espanha)
<i>Interactividade em rede</i>	Criar interactividade com os próprios programas de televisão durante a sua emissão regular; A interactividade compreende a informação, chats e entretenimento; Combinação de diferentes tecnologias (ex.: SMS; Internet; Chat; <i>scroll de rodapé</i> e Televisão).	RTP (Portugal), TVI (Portugal) Televisio de Catalunya (Catalunha-Espanha)

A hipótese de partida subjacente a essa caracterização é a de que existem diversos modelos de relação televisão/Internet, a par de casos de sucesso como o da BBC (Kuong, 2000) onde, apesar de existir uma dimensão promocional dos programas (através da homepage <http://www.bbc.co.uk/>), o enfoque central é a produção informativa da BBCNews (através da homepage <http://news.bbc.co.uk/>).

Os resultados permitem concluir da coexistência de vários modelos de televisão on-line num mesmo site, não obstante haver um modelo predominante; e da transversalidade de modelos de televisão on-line entre canais públicos e privados de televisão, sedeados em países diferenciados do ponto de vista cultural, político, económico e social.

Por outro lado, os resultados indiciam também a ideia de que o impacto da Internet na televisão varia consoante o modelo televisivo tradicionalmente praticado, isto é, da identidade televisiva construída em torno de uma dada relação entre entretenimento e informação e, em grande medida, do modelo noticioso adoptado pela redacção do telejornal de cada estação televisiva.

As estratégias de financiamento da RTP1, SIC e TVI on-line

A televisão tem tradicionalmente três fontes de receitas: apoios financeiros do Estado ou taxa de televisão; subscrição e publicidade. O serviço público de televisão português (RTP1 e a 2:) é financiado directamente através do Orçamento de Estado e da publicidade. Os canais privados (SIC e TVI) são financiados, quase, exclusivamente pela publicidade.

No contexto da Internet, existem várias formas de financiamento dos sites televisivos: a publicidade, o comércio electrónico, o SMS e o acesso reservado a subscritores.

As fontes de receita do site da RTP provêm directamente da estação de televisão e do SMS, presente um pouco por todas as secções do site. As receitas provenientes da publicidade comercial são residuais, a avaliar pelo número muito reduzido de espaços reservados a empresas externas à RTP.

O site da SIC conjuga várias formas de financiamento: a publicidade, o comércio electrónico e o SMS. A publicidade comercial, nomeadamente aquela que se encontra incluída no portal em que a SIC on-line se insere – o portal SAPO – está presente em todas as secções, sendo que a publicidade de tipo promocional detém um espaço significativamente inferior. A publicidade comercial sob o formato *pop-up* tem alguma representatividade.

O comércio electrónico constitui-se como uma plataforma adicional e/ou alternativa para vários tipos de serviços, beneficiando de um espaço próprio - o Global Shop - com acesso a links de várias empresas .

Os serviços SMS estão presentes na generalidade das secções do site, possibilitando a participação em fóruns de opinião e concursos.

A TVI on-line é financiada pelas quatro possíveis formas de financiamento: publicidade, SMS, comércio electrónico e acesso reservado a subscritores.

Em cada secção, constata-se a presença de publicidade ao próprio media e de publicidade a outros media do grupo (IOL), bem como a publicidade de teor comercial. A publicidade em formato *pop-up* tem uma expressão significativa (note-se que o acesso ao site é precedido de um *pop-up* de teor comercial ou promocional).

O *e-commerce* tem um espaço próprio denominado “Compras”, não apresentando diferenças significativas em relação à secção de comércio electrónico do site da SIC. O SMS está, de igual modo, presente nas várias secções do site e, de uma forma geral, não difere da forma como é utilizado nos sites da RTP e da SIC.

A propósito da publicidade enquanto fonte de financiamento dos projectos de televisão on-line, importa reter dois aspectos:

1) a transformação das relações entre produtores de conteúdos (informativos, publicitários ou outros) e utilizadores. Se nos *media* tradicionais, como a televisão, a única forma de, por exemplo, um anunciante chegar até ao público era através do meio, com a Internet ele tem a possibilidade de estabelecer uma relação directa sem recorrer a intermediários;

2) a forma como a Internet está estruturada possibilita ao utilizador aceder aos conteúdos sem ter que ver ou prestar atenção à publicidade, bem

como lhe permite escolher o momento em que a vê e a procura de publicidade específica.

A análise das entrevistas feitas a responsáveis pela edição on-line ou jornalistas com experiência na implementação de projectos na RTP, SIC e TVI², das quais se apresentam aqui alguns excertos, traz à evidência a necessidade de ampliar o espectro das fontes de financiamento dos sites - visando a sua auto-sustentabilidade - e a tendência para se apostar na venda de alguns conteúdos.

Salienta-se, especificamente, o facto dos seus discursos remeterem, de um modo mais ou menos explícito, para 1) a quebra das receitas provenientes da publicidade on-line, 2) o peso da componente comercial dos sites, 3) a aposta num modelo de negócio em parceria, adaptado às várias plataformas multimédia, 4) o facto de nem todos os conteúdos noticiosos do site poderem ser pagos, atendendo à concorrência e aos interesses dos utilizadores, 5) a (polémica) questão dos jornalistas enquanto produtores de conteúdos, 6) o sentido do investimento na Internet, dada a irrelevância da Internet face às audiências de televisão, e 7) a tendência para homogeneidade de conteúdos noticiosos e para 8) o desenvolvimento de estratégias que visem a fidelização dos utilizadores.

«Acho que antes disso (da aposta em conteúdos pagos) antes de podermos cobrar alguma coisa, é preciso mostrar às pessoas, vejam o que estão a perder. Vejam como isto é bom, vejam o que ganham com isto e depois quando se fechar o acesso e se passar a cobrar por isso, vejam o que estão a perder. E ver o que estão a perder é exactamente apostar na componente comercial. Não podemos esquecer a componente comercial, é um disparate.» (JAC, RTP)

«Houve uma altura em que na SIC os custos que, na altura eram muitíssimo superiores, podiam ser encarados pura e simplesmente como marketing, é como se fosse uma despesa de marketing, uma presença na Internet que era considerada útil e isso por si só justificava os gastos. Neste momento não se pode falar assim. Pretende-se que a SIC on-line se pague a si própria e para que isso aconteça, para além de termos diversificado e muito, a SIC on-line hoje em dia não é igual a Web, é muito mais coisas. Portanto pretende-se que através de diversificação se consiga rentabilizar (...) A parceria da SIC com o Sapo e sobretudo com o Sapo XL(...)obviamente, é claro que nós estamos aqui a ir buscar uma parte do dinheiro ao service provider e no caso também os services providers estão a reconhecer a importância que os fornecedores de conteúdos tem no negócio deles. Claro que sim (...)» (LM, SIC)

«Acho que tem que ser um misto, acho que um site de informação como este para sobreviver só com conteúdos pagos não me parece viável. Alguns conteúdos “premium”, eu acredito que as pessoas mais tarde ou mais cedo se habituaram a pagar, mas é claro que há muita coisa na Internet considerada gratuita que está a evoluir para paga. Alguns conteúdos poderão ser pagos mas ainda é muito nebuloso saber o que é que os utilizadores estão dispostos a pagar, ou seja, já sabemos que alguns utilizadores estão dispostos a pagar muito por informação privilegiada, mas não é a nossa vocação, de forma alguma.» (LM, SIC)

«Não há modelos que já estejam escritos (...) O El País foi durante muito tempo pago e há mais ou menos duas semanas abriu e ganhou bastante com isso (...) não se pode cobrar por informação de última hora porque vai haver sempre quem não cobre, irá sempre haver outro meio com informação gratuita. Agora eu posso cobrar se a pessoa quiser receber uma informação de última hora no telemóvel por SMS (...) já é uma forma diferente e já se está a gerar alguma receita com isso (...) pode-se também cobrar por conteúdos específicos ou mais

² Paulo Bastos – coordenador da redacção on-line da TVI, Ricardo Rosa – sub-coordenador da redacção on-line da SIC; José Alberto Carvalho – outrora director do projecto editorial da RTP on-line e actual director-adjunto de informação da RTP; Lourenço Medeiros – outrora coordenador da redacção da SIC on-line e actual editor de Novas Tecnologias.

desenvolvidos, ou por determinadas componentes multimédia, por uma reportagem feita pelo Expresso e pela SIC (...).» (RR, SIC)

« (...)a altura (com o Big Brother) deu para perceber a quantidade e o tipo de utilizadores que tínhamos e isso ajudava a vender publicidade. Neste momento a publicidade só não chega e portanto temos que arranjar outras maneiras. E a verdade é que o IOL ganha mais com 10 mil pessoas ligadas a essa hora ao IOL do que em livre acesso, do que 100 mil pessoas ligadas através de vários services providers. As experiências que tivemos no passado foram a isto que nos conduziram. É uma tendência com a qual eu concordo (...) A tendência (publicitária) é para ligar a Internet à televisão e oferecer a Internet como bónus, no estilo compre um e leve uns banners na internet, e nós precisamos de ser considerados bónus, nós precisamos do dinheiro para nós. O IOL criou um centro comercial virtual onde estão todos os produtos e lojas, independentemente do site a que a pessoa está ligada, desde que ele faça parte do grupo IOL (...).Os lucros são repartidos entre o IOL e a TVI. Posso lhe dizer que a TVI on-line paga-se e dá algum lucro, só para ver os best-sellers do IOL são o Big Brother, as novelas e o Batatoon e o Diário Económico.» (PB, TVI)

«A internet tem de dar dinheiro...a publicidade on-line não rende e das duas, uma: ou estamos como estamos, integrados numa redacção global, e continuamos procurando não dar prejuízo ou alguém tem de pagar isto e como é que se cobra na Internet? Se eu quero dar às pessoas Windows Media player isto tem de ser cobrado...isto depende de estarmos associados ou não a um dado provider ou vendermos exclusividade a um provider e aquilo que aparentemente é de graça vem na factura do telefone ao final do mês...mas não me parece possível fazer isto de forma completamente gratuita (...) mesmo que nós tenhamos um milhão e meio de pessoas a visitar diariamente os sites, o facto é que a ver televisão são 3 ou 4 milhões de pessoas...os chats e os fóruns não fecharam por ser uma aposta minha, pessoal porque dão muito trabalho (...)a Internet é irrelevante no âmbito das questões das audiências» (PB, TVI).

As redacções da SIC e TVI on-line e off-line

As redacções on-line da SIC e da TVI localizam-se no mesmo espaço físico que a redacção principal. Trata-se de um *open space*, ainda que segmentado de acordo com as editoras e o tipo de redacção.

Deste espaço, salienta-se a presença do logótipo e das cores da respectiva estação, o acesso aos principais jornais nacionais e alguns internacionais de referência em formato papel (com destaque para o Público, o DN, o 24 horas, o Correio da Manhã, o El País), as paredes repletas de televisões sintonizadas nos principais canais de notícias (inter)nacionais (CNN, Sky News, BBC News, SIC Notícias, RTP N, SIC, RTP e TVI), os computadores com ligação contínua à Internet dispostos em secretárias colectivas ainda que numa relação de um computador por jornalista, a presença de outros equipamentos digitais e analógicos (por exemplo: leitor de vídeo, gravadores de áudio, telefones, fax) e dos ancestrais blocos de notas ou folhas de papel.

No caso da SIC, as secretárias que correspondem à redacção on-line localizam-se junto das secretárias dos jornalistas/editores afectos às editoras Novas Tecnologias e Economia da redacção principal. A redacção on-line da TVI situa-se no piso superior do edifício junto às secretárias dos jornalistas/editores que trabalham na editora Internacional da redacção principal. Note-se que o ângulo de visão a partir das respectivas redacções on-line é bastante alargado, permitindo a percepção de quase tudo o que se passa no espaço que as circunscreve.

O ambiente vivido neste espaço pauta-se pela entrada e saída constante de jornalistas/editores, por uma certa agitação sempre que há necessidade de cobrir um acontecimento em directo ou face a uma notícia de última hora que cubra um tema mais mediático e, sobretudo, nos momentos que precedem os principais noticiários, pela marca do jornalista sentado à sua secretária, ao telefone e/ou a teclar com os olhos postos no monitor do seu PC, mas também pela troca de impressões e tomadas de decisões permanentes, pela presença de pivots, repórteres e editores mais mediáticos e pelas relações (mais ou menos) informais.

Contudo, o contacto com os jornalistas/editores da redacção principal não é constante, sendo marcado por uma certa desvalorização face aos jornalistas da redacção on-line e por um certo desconhecimento da actividade que estes desempenham, não obstante se considerar que há uma evolução no sentido da facilitação da integração destes jornalistas e da valorização do seu trabalho.

«Não percebem muito bem. Somos os meninos dos tickers. Tivemos a sorte de ter aqui algumas pessoas para descanso, pessoas que estão `beira da baixa porque alegadamente o trabalho parece menos pesado e são essas pessoas que funcionam como transmissores de que é exactamente o contrário... Eles fazem muita pesquisa na Internet mas por razões óbvias é pouco usual que consultem a TVI. Eles andam a ver as coisas que nós não temos...mas por aí não me choca (...)» (PB; TVI)

«Neste momento a grande maioria olha-nos com algum desdém. Jornalistas de secretária, por um lado, por outro se calhar há aqueles que pensam que estamos a copiar on trabalho deles...mas é uma maioria menor do que era há 4 anos atrás (...) aos poucos vai havendo uma

integração(...)mas este é o percurso normal(...)o que é importante é que a mentalidade está a mudar(...)quem continuar a olhar com cepticismo vai perder!». (RR, SIC)

As redacções on-line assemelham-se entre si quanto à composição e organização das respectivas equipas. Tratam-se de equipas pequenas (não ultrapassando os 10 elementos), organizadas por turnos, sob a coordenação de um jornalista sénior, compostas na generalidade por jovens profissionais com formação em jornalismo televisivo e em jornalismo para a Internet mas com pouca experiência profissional.

Por comparação com os jornalistas da redacção principal, os jornalistas da redacção on-line tendem a ser detentores de uma formação mais qualificada ao nível da construção dos textos – facto que, contudo, não surpreende dado que essa necessidade não é sentida em televisão uma vez que os textos são elaborados enquanto suporte às imagens e apenas com o sentido de serem lidos.

As rotinas profissionais subjacentes à redacção on-line da SIC e da TVI também se assemelham quanto às práticas, traduzindo uma relativa autonomia editorial face à redacção principal, sem prejuízo da complementaridade entre os dois tipos de edições noticiosas.

«Começamos por olhar para o site, ver o que temos, ver o que é que a SIC está a dar, olhar para os jornais e para as suas edições on-line e olhar também para o pré alinhamento do 1º jornal e a partir daí é distribuir trabalho (...) a nossa base, o primeiro critério, são as notícias da SIC Notícias, o alinhamento (...)em muitos casos, nomeadamente ao nível internacional, chegamos mais à frente. Temos mais do que a SIC Notícias e do que a SIC (...) importa estar sempre atento ao que chega da Lusa, AFP, Reuters..(...) não há outra forma de o fazer, por falta de recursos mas sobretudo pela rapidez...por um lado pode-se olhar com desdém porque não fui criativo, não fui o autor da notícia mas acho que o utilizador não está interessado em saber se está lá o meu nome e se se olhar para o contexto internacional, para o New York times, 80% das notícias vêm de agências. Em alguns casos entra automaticamente, noutros muda-se o título ou muda-se alguma coisa no lead (...)O site é actualizado das 7h da manhã às 10h da noite(...)até há pouco tempo nós estávamos a trabalhar até à meia noite mas por falta de recursos e depois porque a partir das 21h, 22h já não grande necessidade de actualizar, só a nível internacional, mas como nós estamos muito colados à SIC, e olhando para a SIC notícias já é muito à base da opinião, resolvemos arriscar. Mas há excepções, se houver um acontecimento importante...70% do trabalho é feito com base no que vem das agências e dos alinhamentos. Há momentos em que há mais gente e eu consigo então ter tempo para me preocupar com os melhoramentos de aspectos do site e planear trabalho a longo prazo, como eleições (...)» (RR, SIC)

«A SIC On-line tendo que ter a noção de que é a imagem da SIC, sobretudo da informação da SIC na Internet, é óbvio que acompanha o que se faz na antena. Um dos nossos primeiros critérios de escolha, senão o primeiro é obviamente o que a antena está a transmitir e depois temos várias formas de fazer isso, ou fazemos um trabalho sobre o mesmo assunto ou repescamos por assim dizer o material da antena quando isso é possível e colocamo-lo on-line (...)Por outro lado, tendo esta noção, temos completa autonomia editorial, ou seja a redacção da SIC on-line não tem que concordar com os critérios televisivos e ainda bem que assim é(...)».(LM, SIC)

«Nós entramos por volta das 7h da manhã e abandonamos por volta das 11h da noite. Trabalhamos por turnos (...)somos 7 pessoas(...)nós temos de começar com a informação muito mais cedo do que a TVI(...)a primeira informação do dia da TVI é feita por nós e a partir daí estamos a ver o que é que existe nos outros lados, a fazer as nossas pesquisas(...)funcionamos também um bocadinho como uma espécie de posto de escuta da redacção (principal), somos nós que fazemos a actualização(...)tudo o que acontece do

pescoço para baixo dos pivots na televisão é feito por nós e nesta altura somos também nós que produzimos a informação para teletexto e também produzimos o serviço de vídeo da Media Capital Outdoor, para o Metro(...)os títulos que passam em rodapé, os leads, nós temos automatismos, já fizemos esse títulos para a Internet e depois fazemos uma adaptação, mas aquela base vermelha é aquilo que nós estamos a dar na Internet» (PB, TVI)

Paulo Bastos (TVI) e Ricardo Rosa (SIC) sublinham e lamentam o facto do jornalismo on-line (em sentido lato) ainda não ter a marca do jornalismo dito «de terreno» por conta, em muito, da escassez de tempo dadas as prioridades editoriais (notícias de última hora) e do número limitado de recursos (humanos, técnicos e financeiros) afectos às redacções em análise em virtude de se continuar a dar prioridade às edições noticiosas off line, justificando em parte o recurso permanente às agências de notícias, com destaque para a agência Lusa.

«(...) sinto falta de tempo para conversar, de trocar ideias e aqui não, nós chegamos e passamos 9 horas a teclar a fio porque há sempre uma notícia para actualizar(..) costumo dizer aos estagiários que vêm trabalhar connosco que isto é um bocadinho como as pessoas que tiram Direito convencidos que vão fazer aquilo que vêm nos EUA e depois acabam por trabalhar num escritório empresarial ou a tratar de certidões. É isso que acontece connosco: trabalhamos geralmente na redacção. Se houver uma saída para o exterior é óbvio que vai outra pessoa da TVI, da redacção (principal) (...) Nós sempre achámos que não tínhamos de concorrer com a TVI(...)nós estamos muito limitados em termos de meios de emissão e a TVI on-line foi sempre uma forma de fazer chegar mais longe aquilo que a TVI já produzia(...)é um complemento que nos permite alguma rapidez, colocar coisas mais depressa no ar mas basicamente é uma forma das pessoas encontrarem on-line aquilo que a TVI faz(...)».. (PB; TVI)

«(...) grande componente é aquele trabalho de secretária: é pegar em material que venha de agências ou de colegas e editá-lo, tal como acontece nas rádios, na televisão e nos jornais. Há pouco espaço on-line para o jornalismo de rua. Uma das melhores coisas que existe no on-line é não haver limite de espaços mas por uma questão de contenção de despesas e de custos, praticamente a única componente do jornalismo on-line cá é o jornalismo de secretária (...) mas acho que vai ser possível...daqui a um ano ou dois. Se calhar não é só para o on-line, e isso já acontece em alguns casos: a mesma pessoa que vai cobrir para televisão, fá-lo para o on-line, e para múltiplas plataformas (...)O principal objectivo a nível editorial é a última hora. Última hora o mais rápido possível. O que é um mito. No meu entender é um mito que se construiu sobre o on-line de que as notícias acontecem e estão lá. No on-line não há directos e a haver provêm de outro meio, ou da rádio ou da televisão. O tempo em que se está a escrever uma coisa, clicar no rato e até aparecer no ecrã não é tão rápido assim como estar a assistir num directo (...) de facto é este o principal objectivo da SIC on-line. Mas de facto não se pode esquecer, num segundo momento, que a notícia é actualizada e é desenvolvida porque há espaço que nem a rádio nem a televisão nem o jornal tradicionais têm». (RR, SIC)

As edições on-line da RTP, SIC e TVI têm em comum o facto de se apropriarem do e-mail para promover a interactividade com os utilizadores, ainda que se observem diferentes tipos de utilizações. A edição on-line da TVI é a única que promove o contacto directo e personalizado entre os utilizadores e os seus jornalistas/ editores que assinam as notícias publicadas. A edição on-line da SIC disponibiliza apenas um endereço de correio electrónico geral, ainda que os e-mail sejam reencaminhados, ao passo que a edição on-line da RTP apenas disponibiliza o contacto geral da RTP Multimédia.

A edição on-line da TVI é a única que oferece ao utilizador a possibilidade de enviar notícias da sua autoria sendo que a RTP on-line introduz inovação ao possibilitar a recepção de newsletters via e-mail. Diferenciando-se da edição on-line da TVI, as edições on-line da SIC e da RTP têm em comum o facto de possibilitarem o envio de notícias entre utilizadores

Verifica-se, também, que as edições on-line da SIC e da TVI têm em comum o facto de recorrerem à sondagem on-line, ainda que para efeitos diferenciados. Se a edição on-line da TVI oferece ao utilizador a possibilidade de expressar a sua opinião face a um tema da actualidade, no contexto da edição on-line da SIC esta ferramenta serve para medir o grau de interesse que a notícia tem para o utilizador

Quanto aos fóruns e chats – ferramentas emblemáticas do potencial interactivo da Internet - as edições on-line da RTP, SIC e TVI têm, também, em comum o facto de disponibilizarem fóruns temáticos no contexto da informação noticiosa e o facto dos fóruns não serem moderados e implicarem o registo prévio do utilizador. Contudo, a edição on-line da TVI é a única que possibilita a interactividade em tempo real, via chat, com e entre utilizadores.

A edição on-line da TVI volta a introduzir inovação ao possibilitar o envio de comentários às notícias publicadas, publicando inclusive (alguns) comentários junto da notícia em causa.

No que se refere à promoção do SMS enquanto ferramenta geradora de receitas alternativas, observa-se que as três edições on-line possibilitam a recepção de notícias no telemóvel do utilizador mediante subscrição do serviço, e com a conseqüente recolha de dados pessoais, ainda que se salvasse a opção dos mesmos não serem divulgados a terceiros.

Importa, contudo, notar que nenhuma das edições on-line oferece ao utilizador a possibilidade de receber notícias em suportes móveis como PDA e WAP; a possibilidade de ter acesso a conteúdos em línguas estrangeiras; a possibilidade de ter acesso a blogues de jornalistas internos; e/ou a possibilidade de alojar o seu próprio blogue.

Quadro 2:

Ferramentas e estratégias de interactividade promovidas no contexto noticioso

TV	Ferramentas de Interactividade	Estratégias de Interactividade/Personalização
RTP	SMS e-mail fórum	<ul style="list-style-type: none">• Possibilidade do utilizador enviar notícias a terceiros, via e-mail;• Possibilidade do utilizador receber newsletters via e-mail;• Possibilidade do utilizador receber notícias via SMS;• Possibilidade do utilizador contactar a RTP Multimédia;• Possibilidade do utilizador participar em fóruns temáticos;
SIC	e-mail sondagem on-line fórum SMS	<ul style="list-style-type: none">• Possibilidade do utilizador expressar a sua opinião, via sondagem;• Possibilidade do utilizador enviar notícias a terceiros, via e-mail;• Possibilidade do utilizador participar em fóruns temáticos;• Possibilidade do utilizador contactar, via e-mail, a redacção on-line (e-mail geral);• Possibilidade do utilizador receber notícias via SMS
TVI	e-mail sondagem on-line SMS fórum chat	<ul style="list-style-type: none">• Possibilidade do utilizador expressar a sua opinião, via sondagem;• Possibilidade do utilizador contactar, via e-mail, os jornalistas e editores da redacção on-line, com destaque para aqueles que assinam as notícias;• Possibilidade do utilizador participar em fóruns e chats temáticos;• Possibilidade do utilizador comentar as notícias;• Possibilidade do utilizador ver o seu comentário publicado;• Possibilidade do utilizador enviar notícias suas;• Possibilidade do utilizador receber notícias via SMS

Quadro 3:

Estratégias de interactividade associadas às notícias on-line

TV	N.º de notícias com possibilidade de comentário via e-mail	N.º de notícias com possibilidade de comentário via fórum	N.º de notícias com possibilidade de televoto	N.º de notícias com possibilidade de envio via e-mail
RTP	0	0	0	96
SIC	0	0	65	65
TVI	0	13	0	0

No que diz respeito ao potencial interactivo das edições on-line, Paulo Bastos (TVI) sublinha a importância da criação de comunidades de utilizadores, sob a lógica de um modelo de negócio em parceria, sendo que José Alberto Carvalho (RTP), Lourenço Medeiros (SIC) e Ricardo Rosa (SIC) evidenciam, sobretudo, o carácter promocional dos serviços interactivos e os custos financeiros que lhes estão associados, reforçando a importância da

rentabilidade económica do site. Não obstante, todos salientam a imprescindibilidade da interactividade no contexto do jornalismo on-line.

«A interactividade é o mais importante. Mesmo depois de terem aparecido os sites das outras televisões a diferença fulcral é a interactividade, não está em causa o layout ou a qualidade dos textos, aquilo que marca a diferença da TVI é a interactividade, o espaço para comentar. Há fóruns a torto e a direito, há chats a torto e a direito, há uma comunidade fortíssima que cresceu antes mas que cresceu sobretudo com o Big Brother. Nós temos fiéis da TVI on-line. Pessoas também que vem do IOL, há esta sinergia e isso é bom porque traz mais pessoas ao site da TVI (...)As pessoas vêm um dia falar da Quinta das Celebidades e acabam por se habituar a vir comentar as nossas notícias. Instalaram o Real Play para ver os vídeos do Big Brother e agora também já vêem os nossos vídeos...e é isso que a Internet permite também, o contacto com o público, o tu cá tu lá...» (PB, TVI)

«Na minha opinião o site funciona apenas como isco para levar as pessoas a interagir com algum tipo de produtos que existam e que sejam disponibilizados pela RTP mas através de outras plataformas que permitam uma rentabilidade comercial maior, nomeadamente os downloads dos toques e logos para os telemóveis e o fenómeno do chat no teletexto. O chat é um verdadeiro case study (...)Neste momento os mecanismos de interacção do site são estes, funciona como base promocional para cativar as pessoas para conteúdos RTP ou para os quais a RTP tem interesse através dos telemóveis. E os fóruns, aquilo não são fóruns são uns newsgroups espontâneos condicionados que se vão formando ali, e que são uma espécie de fóruns, de recolha de opiniões das pessoas, mas nada mais do que isso.» (JAC, RTP)

«Essa parte da escolha do utilizador à partida já existe. Depois reforçamos isso usando tanto quanto podemos, e isso implica meios também, os chamados multimédia, pequenos dossiers que podem ter vídeo, áudio, posso mostrar-lhe alguns exemplos que não estão tão visíveis como eu gostaria às vezes, e em que o utilizador pode por assim dizer manipular um pouco a informação, escolher o que quer ver sobre determinado assunto e que são construídos mesmo para isso. E depois começámos por ter chat, penso que esta foi a primeira empresa que chegou a contratar. Cá em Portugal tínhamos 3 pessoas a tempo inteiro só para animar e moderar chat; que é um recurso que já não temos, porque se tornou incomportável» (LM, SIC)

«A interactividade é fundamental no on-line (...)a SIC on-line quando surgiu tinha muito essa componente(...) tinha espaços para comentário à notícia mas também tinha mais fóruns e tinha chats em tempo real(...)tinha para o caso dos chat e fóruns 3 pessoas só dedicadas a isso porque, de facto, é fundamental ter a interactividade mas também sabemos que há pessoas que abusam: comentários ofensivos, palavrões (...) tem de haver controlo ou à priori ou é depois, logo depois e nós não tínhamos condições para manter isso. Os chats foram logo as 1^{as} coisas a acabar, os fóruns mantiveram-se mas houve uma altura que deixou de haver os fóruns porque era necessário pelo menos uma pessoa a tempo inteiro. Ou se tem uma coisa de qualidade ou não se tem (...) eu creio que vão voltar...mas há outras formas de aderir a essa interactividade (...) como é a possibilidade das pessoas enviarem a notícia por e-mail para alguém e a partir daí fazemos os tops das notícias mais vistas ou das mais pontudas e aí criam-se uma meia interactividade porque vai mais além daquilo que nós temos. Ou dar na primeira página, tendo em conta o percurso que a pessoa faz e dar aquelas notícias que nós pensamos que vão interessar mais (...).» (RR, SIC)

Quanto à (não)existência de endereços de correio electrónico dos jornalistas, o discurso de Paulo Bastos (TVI) aponta para a importância do relacionamento personalizado entre jornalistas e utilizadores – reforçando a imagem de marca da TVI off line – sendo que dos discursos dos restantes entrevistados se sublinha a falta de civismo e as prioridades editoriais enquanto factores bloqueadores do uso do e-mail para esse fim.

«Todas as caras da TVI aparecem com o e-mail em rodapé. A TVI abriu-se assim ao público, não existe um departamento de relações públicas na TVI, cada pessoa tem que gerir a sua caixa de correio». (PB, TVI)

«Portanto é preferível não ceder, não abrir essa porta às pessoas, porque a frustração apesar de tudo é menor e endereçá-los para o serviço de atendimento geral, do que abrir-lhes uma porta que dá para um beco sem saída». (JAC, RTP)

«(...) as pessoas infelizmente, desculpe-me o elitismo, não tem o bom senso suficiente para perceber que estão a falar com profissionais empenhados e que devem respeitar isso e eu acho que não é produtivo porque uma pessoa fez uma gralha, receber um rio de insultos, a chamar tudo e mais alguma coisa, que afecta psicologicamente as pessoas». (LM, SIC)

As edições on-line da RTP, SIC e TVI têm em comum o facto de oferecerem ao utilizador motores de busca que permitem efectuar pesquisas em torno das notícias em arquivo, mediante a utilização de palavras-chave. As edições on-line da TVI e da SIC aproximam-se ao oferecerem a possibilidade do utilizador pesquisar em toda a rede do portal em que se inserem (através do motor de pesquisa IOL e através do motor de pesquisa SAPO, respectivamente).

Note-se, porém, que nenhuma das edições on-line oferece um serviço de pesquisa avançada (por exemplo: por data, categoria temática, âmbito geográfico). Registe-se, ainda, que as três edições on-line oferecem a possibilidade do utilizador aceder aos vídeos e aos dossiers temáticos (em formatos áudio e/ou fotografia ou multimédia) em arquivo.

As três edições on-line comportam um número significativo e semelhante de imagens, com predomínio da fotografia. O multimédia tem forte presença no âmbito dos dossiers temáticos e dos vídeos referentes aos principais espaços de informação das respectivas emissões off line, sendo que os gifs (não)animados têm alguma representatividade.

Outra regularidade entre as três edições on-line prende-se com o facto da homepage do respectivo site conter apenas uma notícia complementada por imagem. Contudo, se no contexto da edição on-line da SIC e da TVI todas as notícias apresentadas na homepage são complementadas por imagem na página do respectivo desenvolvimento noticioso, o mesmo não se verifica no contexto da edição on-line da RTP, registando-se apenas o texto escrito, ainda que nas secções temáticas as notícias se façam acompanhar por imagens.

A singularidade da RTP on-line reside no facto de apostar mais fortemente no infografismo.

Reportando-nos em exclusivo à análise das páginas de desenvolvimento noticioso, verifica-se que o número médio de imagens associado a cada notícia destacada é ligeiramente superior no contexto da edição on-line da SIC (numa relação de 2 para 1 face à TVI e face à RTP).

Outra singularidade da edição on-line da SIC prende-se com o facto da generalidade das imagens que complementam as notícias conterem referência às suas fontes, com destaque para a Agência LUSA e para o próprio media (referência SIC ou SIC Notícias).

No caso da edição on-line da RTP, verifica-se que a maioria das imagens não contem referência à fonte, sendo que as notícias que a contêm são da autoria da Agência LUSA.

A singularidade da edição on-line da TVI prende-se com o facto de nenhuma das imagens ser complementada pela referência à respectiva fonte – indiciando a reciclagem de imagens como estratégia de rentabilização de recursos.

As três edições on-line têm em comum, o facto das respectivas homepage e páginas de desenvolvimento noticioso não apresentarem notícias complementadas por registos áudio. Note-se, porém, que o áudio está contido na totalidade dos vídeos referentes aos principais espaços de informação noticiosa da emissão off line, assim como está presente em alguns dos dossiers temáticos.

As hiperligações no contexto noticioso

Outra regularidade entre as três edições on-line prende-se com o facto de possibilitarem o acesso directo aos sites da(s) empresa(s) publicitada(s) nas suas páginas de informação noticiosa.

As edições on-line da SIC e da TVI têm em comum o facto das páginas de informação noticiosa possibilitarem o acesso, ainda que indirecto, aos sites das empresas/entidades que se encontram representadas no portal em que cada uma delas se insere.

Note-se, porém, que nenhuma das edições on-line possibilita o acesso directo aos sites dos respectivos grupos económicos de pertença, nem a sites de órgãos de comunicação (inter)nacionais de referência, congéneres ou não, incluindo aqueles que são propriedade do seu Grupo.

Outra regularidade pode ser observada entre as três edições: a generalidade das notícias não contém hiperligações no respectivo texto, sendo comum a aposta nas hiperligações para notícias e/ou para dossiers relacionados em arquivo, mas, no fim (RTP; TVI) ou ao lado (SIC) do texto noticioso.

A edição on-line da SIC é aquela em que mais se regista o recurso a hiperligações para efeitos de re-orientação do utilizador para notícias relacionada em arquivo, sendo que a edição on-line da RTP é aquela em que esta prática menos se regista, sendo mesmo residual o número de notícias com artigos relacionados em arquivo.

No contexto da edição on-line da SIC o número de artigos relacionados em arquivo por notícia varia entre 1 e 8, sendo que o mais comum é a existência de um artigo por notícia; no contexto da edição on-line da TVI o número em causa varia entre 1 e 10 artigos, sendo constante a existência de 2, 3 ou 8 artigos por notícia; ao passo que na edição on-line da RTP o número de artigos por notícia varia entre 1 e 2. Note-se, porém, que em qualquer uma das edições a maioria das notícias não é complementada por esta mais valia.

A edição on-line da SIC é a única em que existem hiperligações para dossiers multimédia ou animações interactivas relacionados com a notícia, ainda que a maioria das notícias destacadas também não tenha este atributo.

A TVI on-line inova no sentido em que é a única edição em que as notícias são tendencialmente complementadas pela possibilidade de visualização dos respectivos vídeos.

Em relação à multimedialidade, salienta-se o facto dos entrevistados sublinharem o forte impacto que o multimédia tem e terá no jornalismo e no jornalismo televisivo em particular, ou não fosse a componente visual o grande suporte da televisão.

Do discurso de José Alberto Carvalho (RTP) sublinha-se o papel determinante dos departamentos multimédia das estações televisivas face à mobilização de recursos; do discurso de Lourenço Medeiros (SIC) realça-se a necessidade de adaptar a oferta aos interesses dos utilizadores; do discurso de Ricardo Rosa evidencia-se a falta de recursos (humanos e tecnológicos) como justificação para não optimização do uso do multimédia, sendo que o discurso de Paulo Bastos (TVI) sublinha a complementaridade entre a televisão interactiva e a TVI on-line.

«Acho que estas novas tecnologias vão influenciar enormemente o jornalismo, o jornalismo televisivo sobretudo, porque tem uma componente visual muito forte, ao mesmo tempo que permitiu a redescoberta do fotojornalismo também (...) eu estou absolutamente convencido disto, tenho a certeza absoluta disto que é a explosão da internet e as tecnologias que foram desenvolvidas para a internet concederam um conjunto de ferramentas que revolucionam a maneira de apresentar a informação em televisão. As televisões não estão sensibilizadas, nem tem a estrutura para alguma vez, pelo menos no curto médio prazo para poderem tirar partido dessas tecnologias; porque não tem pessoas, porque não estão sensibilizadas sequer para o que podem ganhar com a utilização dessas ferramentas e dessas linguagens e, portanto, as unidades multimédia das estações de televisão tem aqui um papel muito importante de desbravar o caminho e de solucionar problemas com que se defrontam as equipas de produção de televisão convencionais de resolver os problemas, por um lado, e acrescentar mais valias por outro.» (JAC, RTP)

«Obviamente nós (Lourenço Medeiros e José Alberto Carvalho) tínhamos a noção das capacidades da internet e queríamos fazer uma coisa em que, digamos, utilizássemos a linguagem certa para a mensagem certa. A ideia sempre foi utilizar vídeo quando tal se justifica, utilizar multimédias quando tal se justifica, utilizar pura e simplesmente áudio quando tal se justifica, utilizar outras capacidades que a internet permite e que muitas vezes não são feitas. Além de utilizar os vários meios, as várias linguagens, nós temos a ideia de que há pessoas que só vão ver as gordas para terem um bocadinho de actualidade, há pessoas que depois vão ler textos mais longos para aprofundar determinados assuntos e há pessoas que gostam de ter quase a fonte, a sentença, o site donde nós tirámos aquilo.» (LM, SIC)

«Falta de recursos é a principal razão e alguma falta de organização (...) muitas vezes as coisas são planeadas de um dia para o outro(...)sim, há um desinvestimento na generalidade dos media(...)primeiro o on-line surgiu no grande boom das chamadas dot com e pensou-se que seria a nova galinha dos ovos d'ouro(...)mas isso não aconteceu, a grande maioria das empresas fecharam e depois houve uma série de outros factores que contribuíram para isso...o 11 de Setembro, no caso da SIC o Big Brother e tudo isso gerou uma grande crise(...)A tendência...é inevitável que o on-line – não chamemos on-line só ao site, pensemos em multiplataformas (PDA; telemóveis...)e vão surgir muito mais coisas daqui a 5 ou 10 anos. Em relação ao on-line vai ser o centro de tudo seja televisão, seja um jornal e isso já acontece nos EUA (...)ainda há muita incredibilidade e algum cepticismo mas é inevitável pois já há várias cabeças a pensarem isso(...)vai deixar de ser um mundo á parte.» (RR, SIC)

«O nosso on-line permite-nos ter uma TVI Gold o que permite às pessoas ver os programas em horários diferentes dos da televisão. Estamos também à espera que a internet nos permita fazer isto tudo, o que a internet ainda não permite nós já fazemos com alguma facilidade na interactiva.» (PB, TVI)

A propósito da inexistência de hiperligações no texto noticioso, o coordenador da redacção on-line da TVI e o sub coordenador da redacção on-line da SIC sublinham os constrangimentos de ordem técnica que inviabilizam esta prática, sendo que este último põe também a tónica nos tradicionais hábitos de leitura dos utilizadores.

«Não (se utilizam hiperligações no texto da notícia) por uma questão muito simples, porque se não o texto não passa em teletexto. Na Internet o browser transforma isso em links mas de resto não acontece, não acontece nos telemóveis e em outros serviços. Temos assuntos relacionados que podem ser desligados em teletexto. Teríamos de escrever para cada suporte e isso é impraticável ainda que na prática nós acabemos por fazer textos diferentes para teletexto e para a internet. Para a Internet posso utilizar até 4000 caracteres e para o teletexto só posso usar 300. Por cada notícia que escrevemos fazemos 4 versões: uma para teletexto,

uma para os telemóveis – quando é caso disso - , uma para a Internet e outra para os tickers e leads.» (PB; TVI)

«Neste momento é por conta de uma questão técnica a condicionar isso. Com a mudança de tecnologia do site, há algumas funcionalidades que já deviam estar a funcionar desde o início. Os links para artigos relacionados, para sites relacionados – acho que é muito importante – será uma questão de dias. Quanto aos links no meio do texto foi nossa política desde o início não os meter, eles estão lá, ou ao lado ou em baixo. No meio do texto pensamos que pode dificultar a leitura. É sem dúvida uma das mais valias da Internet mas o utilizador de Internet portugueses ainda não está para aí virado. Portanto, o nosso modelo tem a notícia estruturada pela pirâmide invertida de modo a qualquer pessoa se possa orientar (...)mas importa não por tudo no mesmo bolo, há aquela área do texto que tem o mais importante e tudo o que está relacionado está à volta(...)o utilizador ainda é um utilizador meio passivo que não está habituado à hiperligação mas o utilizador mais avançado pode estar com um olho no texto e outro nas coisas ao lado que o vão complementar.» (RR, SIC)

A extensão das notícias e a sua autoria

As edições on-line da RTP e da SIC aproximam-se quanto à extensão do texto das notícias destacadas, apresentando em relação à edição on-line da TVI um número ligeiramente superior de parágrafos: em termos médios, as notícias das edições on-line da RTP e da SIC têm 10 parágrafos, ao passo que as notícias da edição on-line da TVI têm 7 parágrafos.

Quanto à autoria das notícias destacadas, observa-se que a edição on-line da SIC é a edição que oferece maior diversidade de autores (o próprio media, agências noticiosas, jornalista interno), seguindo-se a edição on-line da TVI (o próprio media e jornalista interno) e, por fim, a edição on-line da RTP (que apenas cita a Agência LUSA).

As edições on-line da RTP e da TVI têm em comum o facto da totalidade das notícias destacadas serem assinadas, afastando-se assim da edição on-line da SIC dado que a maioria das notícias destacadas não inclui referência ao autor.

Contudo, se no contexto da edição on-line da RTP a totalidade das notícias são assinadas pela Agência LUSA, já no contexto da edição on-line da TVI predominam as notícias assinadas por um jornalista interno – à semelhança do que sucede no contexto da edição on-line da SIC -, seguidas das notícias com referência TVI.

Ainda no contexto da edição on-line da SIC, observa-se que o segundo destaque vai para as notícias assinadas pela Agência LUSA, seguindo-se as notícias com referência SIC.

A singularidade da edição on-line da TVI reside no facto de ser a única edição em que a autoria da Agência LUSA não é citada.

Foi, também, pedido aos nossos entrevistados que falassem das práticas de acesso e de recolha de informação junto das fontes privilegiadas pelas suas redacções. Dos seus discursos, salienta-se o facto das três redacções on-line recorrerem fortemente à Internet e às agências noticiosas em detrimento das fontes no terreno, dada a carência de meios (técnicos e humanos) das redacções on-line, em proveito da redacção principal.

«A LUSA assegura-nos aqui um fluxo de informação mais ou menos contínuo, e nós conseguimos ter isto minimamente actualizado (...).» (JAC, RTP)

«Nós tal como a rádio podemos fazer uma entrevista por telefone e tal como só na internet podemos fazer uma entrevista por e-mail que se calhar hoje em dia até pode ser usado por um jornal e pouco ou nenhum valor tem em rádio ou em televisão. Nós temos o bom e o mau de cada um dele (...) Todos sabemos a crise porque estes projectos passaram nos últimos anos e a empresa como muitas outras emagreceu, ou seja, já não temos os meios que queríamos. Temos que acompanhar a actualidade e para acompanhar a realidade pura e dura socorremos e bem da televisão, das agências, de outros meios até na internet.» (LM, SIC)

«O problema de uma redacção on-line como a TVI é não ter tempo para ir ao terreno investigar, e por isso aproveitamos o trabalho dos jornalistas de televisão. Esse é o lado negativo do on-line (...).» (PB, TVI)

As três edições têm, também, em comum o facto de possibilitarem a impressão das notícias destacadas.

As notícias destacadas no on-line e off-line da RTP1, SIC e TVI

Uma das tarefas diárias das redacções televisivas on e off line é a escolha das notícias, já que de entre as centenas de notícias diárias que têm em mãos, importa escolher vinte ou trinta notícias para efeitos de alinhamento noticioso; i.e., para efeitos de agenda da actualidade noticiosa. Para além disso, as redacções têm consciência que a escolha de determinadas notícias em detrimento de outras implica a atribuição de níveis de importância diferenciados, traduzidos na posição que cada uma das notícias ocupa no alinhamento noticioso.

Os critérios que presidem à escolha de um alinhamento noticioso são variáveis e dependem de um conjunto de factores associados, nomeadamente, à relevância das notícias que podem ser apresentadas e à qual não é alheia a representação que se constrói em torno do interesse dos seus destinatários, ao tempo que pode ser despendido em cada assunto, à altura do ano em que é emitido (os telejornais de Verão, são aqueles que menos notícias “hard” tem para apresentar), à escolha pessoal do pivot, à quantidade e qualidade das imagens disponíveis, à concorrência, à proximidade, à originalidade; às rotinas impostas pela continuidade.

Note-se, também, que frequentemente os media seleccionam os acontecimentos a partir do seu carácter negativo, sensacional e/ou polémico embora essa selecção varie consoante a representação que o media tem do seu público e o lugar que ocupa no sistema mediático.

Através do discurso de José Alberto Carvalho (RTP) podemos ficar com uma ideia mais clara da forma como todos estes factores contribuem para o alinhamento final de um serviço noticioso.

«(...)a selecção do alinhamento... eu acho que a ideia que as pessoas têm enquanto espectadores, é que há um conjunto de regras mais ou menos científicas e estudadas e balizadas para a definição do alinhamento. E não é verdade (...) é um exercício muito subjectivo, que tem a ver com a qualidade e o tipo de pessoas que em cada dia trabalham na redacção e tem a ver com todos os factores de contingência com que o jornalismo se confronta. Todos eles contribuem para o alinhamento final (...) O alinhamento final só se sabe quando acabou o telejornal, até lá são tudo hipóteses...»

O alinhamento de um telejornal é construído para dar resposta a dois objectivos: a) prender a atenção do espectador; b) fazer uma arrumação das notícias a serem tratadas (por temas e por ordem de importância). Note-se, porém, que a lógica que preside a essa arrumação depende muito de cada redacção e do seu estilo editorial, tal como salienta José Alberto Carvalho (RTP):

«(a tematização) Não acho que seja a única e a última maneira de apresentar e de organizar as coisas...basta olhar para o alinhamento de um telejornal, qualquer que seja, para perceber que seguindo essa regra da tematização, da organização temática dos assuntos e das notícias, que cometeríamos erros absurdos, em que se daria mais importância no sentido de antecermos a sua publicação, a sua emissão, de matérias que são menos relevantes do que

outras que são relegadas para o fim do telejornal. A lógica da pirâmide invertida não se deve aplicar num alinhamento de um telejornal, do ponto de vista de prender a atenção do telespectador.»

A título de exemplo, analisando a amostra aqui recolhida durante 2004, verifica-se que as edições off line das três televisões generalistas têm em comum o facto de:

- 1) privilegiarem notícias de âmbito geográfico nacional, destacando poucas notícias de âmbito geográfico internacional (à excepção das notícias sobre Segurança e Justiça internacional);
- 2) privilegiarem, num primeiro plano, notícias sobre Segurança (com destaque para o Euro 2004 e para a questão da ameaça terrorista na Europa/Portugal na sequência da crise iraquiana e dos atentados em Madrid);
- 3) destacarem notícias em que os políticos são os protagonistas;
- 4) não privilegiarem, de modo significativo, notícias sobre Ciência e Tecnologia, Ambiente e Cultura.

As edições off line da SIC e da TVI têm em comum o facto de terem privilegiado, num segundo plano, notícias sobre Justiça Nacional (relevando-se o Processo Casa Pia), ao passo que a RTP destaca notícias sobre Desporto Nacional (com destaque para o futebol da 1ª divisão) – reforçando a imagem de marca que tradicionalmente está associada aos seus principais espaços de informação noticiosa.

Num terceiro plano, as notícias mais destacadas pela RTP e pela SIC referem-se ao tema Justiça Internacional (com destaque para o julgamento de M. Dutroux – o belga acusado de crimes de pedofilia), sendo que a SIC privilegia também o tema Segurança Internacional e a RTP dá um peso semelhante às notícias sobre Economia e Justiça nacional.

Dessa forma, as duas estações televisivas distanciam-se da TVI dado que, num terceiro plano, a sua redacção privilegiou as notícias sobre Sociedade Nacional – reforçando, por sua vez, a imagem de marca que tradicionalmente está associada ao Jornal Nacional: a visibilidade de temáticas e de protagonistas com pouco peso na generalidade das agendas dos principais *mass media*.

Note-se, ainda, que a RTP, durante o período em análise, cobriu um número ligeiramente superior de notícias sobre Educação Nacional.

Quadro 4:

Âmbito temático e geográfico das notícias das edições off line da RTP, SIC e TVI³

Âmbito temático e geográfico	N.º de notícias RTP off line	%	N.º de notícias SIC off line	%	N.º de notícias TVI off line	%
Segurança Nacional	107	21,2	115	25,2	99	19,1
Segurança Internacional	49	9,7	55	12,0	47	9,1
Justiça Nacional	51	10,1	69	15,1	81	15,6
Justiça Internacional	52	10,3	55	12,0	40	7,7
Sociedade nacional	21	4,2	41	9,0	63	12,2
Sociedade Internacional	2	0,4	4	0,8	0	0,0
Economia Nacional	50	10,0	28	6,1	53	10,2
Economia Internacional	0	0,0	2	0,4	1	0,1
Desporto nacional	55	11,0	27	5,9	49	9,4
Desporto Internacional	2	0,4	0	0,0	2	0,3
Política Internacional	31	6,1	23	5,0	21	4,0
Saúde nacional	25	4,9	19	4,1	43	8,3
Saúde Internacional	0	0,0	2	0,4	0	0,0
Cultura Nacional	10	1,9	7	1,5	2	0,3
Cultura Internacional	4	0,7	2	0,4	2	0,3
Educação nacional	16	3,1	4	0,8	8	1,5
Ciência /Tecnologia Nacional	0	0	1	0,2	1	0,1
Ciência/tecnologia Internacional	1	0,1	1	0,2	1	0,1
Ambiente Internacional	1	0,1	0	0,0	3	0,5
Total	504	100,0	455	100,0	516	100,0

No contexto das edições on-line da RTP, SIC e TVI, verifica-se que a tendência não é para a reprodução dos conteúdos noticiosos das respectivas edições off line. Os resultados apontam, antes sim, para a coexistência de projectos editoriais autónomos mas complementares entre si, não obstante existirem algumas regularidades em termos da tematização e âmbito geográfico das notícias destacadas.

Com efeito, no contexto das três canais generalistas e na maioria dos casos analisados, verifica-se que existem poucas notícias em comum aos dois tipos de edições, não sendo também comuns os casos em que uma ou várias notícias da edição on-line ocupa(m) as primeiras cinco posições do alinhamento noticioso da edição off line.

As diferenciações observadas entre as três edições on-line referem-se tanto ao tema das notícias destacadas como, e sobretudo, à posição que cada um dos temas ocupa no alinhamento noticioso, à semelhança do que acontece nas respectivas edições off line.

Se, no âmbito das edições on-line da RTP, o tema predominante é o Desporto, seguido dos temas Justiça e Segurança, já no contexto das edições on-line da SIC o destaque vai para o tema Segurança, seguido dos temas Desporto e Saúde, sendo que no contexto das edições on-line da TVI, as

³ Para efeitos da codificação da tematização e âmbito geográfico noticioso, não foram contabilizados os headlines nem o número de vezes que as notícias se repetem no alinhamento noticioso, registando-se apenas a 1ª ocorrência.

notícias destacadas são sobre Justiça, seguidas das notícias sobre Segurança e sobre Política.

Quadro 5:

Âmbito temático das notícias destacadas pela RTP, SIC e TVI on-line

Âmbito geográfico das notícias	N.º de notícias on-line da RTP	%	N.º de notícias on-line da SIC	%	N.º de notícias on-line da TVI	%
Nacional	70	72,9	45	69,2	10	76,9
Internacional	18	18,7	12	18,4	1	7,6
Europeu	6	6,2	8	12,3	2	15,3
Lusófono	2	2,0	0	0,0	0	0,0
Total	96	100,0	65	100,0	13	100,0

Quadro 6:

Âmbito geográfico das notícias destacadas pela RTP, SIC e TVI on-line

Âmbito temático	N.º de notícias RTP on-line	%	N.º de notícias SIC on-line	%	N.º de notícias TVI on-line	%
Segurança	13	13,5	23	35,3	4	30,7
Desporto	24	25,0	12	18,4	1	7,6
Política	9	9,3	2	3,0	2	15,3
Justiça	16	16,6	5	7,6	5	38,4
Saúde	6	6,2	6	9,2	0	0,0
Cultura	9	9,3	2	3,0	0	0,0
Educação	1	1,0	4	6,1	0	0,0
Emprego	1	1,0	1	1,5	0	0,0
Ambiente	1	1,0	0	0,0	0	0,0
Direitos Humanos	0	0,0	1	1,5	0	0,0
Economia	7	7,2	3	4,6	1	7,6
Energia	3	3,1	0	0,0	0	0,0
Finanças	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Catástrofes/Acidentes	0	0,0	1	1,5	0	0,0
Sociedade	1	1,0	1	1,5	0	0,0
Ciência/Tecnologia	1	1,0	2	3,0	0	0,0
Obras/transportes	4	4,1	1	1,5	0	0,0
Religião	0	0,0	1	1,5	0,0	0,0
Total	96	100,0	65	100,0	13	100,0

As edições on-line da RTP, SIC e TVI têm também em comum o facto de mais de metade das notícias destacadas serem de âmbito nacional. No contexto das edições on-line da RTP e da SIC, seguem-se as notícias de âmbito internacional e as notícias de âmbito europeu, invertendo-se esta relação no contexto da edição on-line da TVI. A singularidade da RTP marca-se pelo facto de ter sido a única a destacar notícias de âmbito geográfico lusófono, ainda que estas notícias sejam residuais nos alinhamentos analisados.

Os protagonistas das notícias da RTP1, SIC e TVI on-line

No que diz respeito aos protagonistas das notícias que compõem as edições on-line da RTP, SIC e TVI, observa-se uma outra regularidade: o facto das três edições atribuírem um maior destaque aos políticos, à semelhança do que acontece no contexto das respectivas edições off line. Note-se, contudo, que no contexto da edição on-line da TVI estes agentes partilham o lugar com os agentes de justiça.

As edições da RTP e da SIC têm, ainda, em comum o facto de destacarem, em segundo plano, os agentes desportistas, sendo que a singularidade da edição on-line da TVI reside no facto de privilegiar, em segundo plano e de forma equitativa, os cidadãos em geral e os agentes de segurança.

Quadro 7:

Protagonistas das notícias da RTP, SIC e TVI on-line

Protagonistas	N.º de notícias da edição on-line da RTP	%	N.º de notícias da emissão on-line da SIC	%	N.º de notícias da emissão on-line da TVI	%
Políticos	26	27,0	18	27,6	4	30,8
Terroristas/guerrilheiros	3	3,1	7	10,7	1	7,7
(Agentes) Desportistas	21	21,8	11	16,9	0	0,0
Agentes de Segurança	6	6,2	2	3,1	2	15,4
Cidadãos em Geral	6	6,2	6	9,2	2	15,4
Agentes de Justiça	7	7,2	3	4,6	4	30,8
Agentes Culturais	8	8,3	2	3,1	0	0,0
Agentes Económicos	7	7,2	3	4,6	0	0,0
Agentes de Saúde	1	1,0	3	4,6	0	0,0
Arguidos/testemunhas	3	3,1	2	3,1	0	0,0
Trabalhadores em geral	3	3,1	0	0,0	0	0,0
Organizações da Sociedade Civil	2	2,0	1	1,5	0	0,0
Agentes Educativos	0	0,0	6	9,2	0	0,0
G. Comunicação Social	1	1,0	0	0,0	0	0,0
Agentes Ambientalistas	1	1,0	0	0,0	0	0,0
Agentes da Igreja	0	0,0	1	1,5	0	0,0
Total	96	100,0	65	100,0	13	100,0

Em terceiro plano, surgem os terroristas/guerrilheiros no contexto das edições on-line da RTP e da TVI, sendo que no contexto da edição on-line da SIC esta posição é ocupada pelos agentes culturais.

Uma outra singularidade da edição on-line da SIC reside no facto de ter sido a única a destacar notícias cujos protagonistas são agentes do conhecimento (por exemplo: especialistas, cientistas) e agentes da Igreja.. No domínio das singularidades, regista-se, ainda, o facto da edição on-line da TVI ser aquela em que existe menos diversidade em termos de protagonistas.

Análise comparativa do tipo de alinhamento noticioso on e off line

Adoptando, agora, uma perspectiva comparativa entre as edições on e off line dos três media em análise, dir-se-á que se observam mais diferenciações (intra e inter) media do que regularidades.

Se a RTP no contexto das suas edições on-line privilegia o tema Desporto, seguidos dos temas Justiça e Segurança, já no contexto das suas edições off line esta relação se inverte visto predominar o tema Segurança, seguido dos temas Desporto e Justiça. Mas, se no contexto das edições on-line da RTP é dada cobertura, ainda que residual, a notícias de âmbito geográfico lusófono, já no contexto das respectivas edições off line esta categoria não se encontra representada.

No que se refere à SIC, se no contexto das suas edições on e off line predomina o tema Segurança Nacional, os temas que se seguem variam consoante o tipo de edição dado que nas edições on-line se destacam, em segundo plano, os temas Desporto e Saúde Nacional e nas edições off line se relevam os temas Justiça Nacional e Justiça Internacional.

Quanto à TVI, observa-se que em ambos os tipos de edições se privilegiam notícias sobre o tema Segurança Nacional, seguido do tema Justiça Nacional. A diferença marca-se ao nível do terceiro plano de notícias em destaque visto que no contexto das edições on-line seguem-se as notícias sobre Desporto Nacional, ao passo que no contexto das suas edições off line surgem em terceiro plano as notícias sobre Sociedade Nacional.

Digamos que os resultados poderão evidenciar um certo aproveitamento das edições on-line, sobretudo, para efeitos de cobertura de notícias de âmbito geográfico internacional mas não tanto para aumentar a visibilidade dada a temas que tradicionalmente têm menos expressão na agenda noticiosa off line (por exemplo: Cultura, Ambiente, Tecnologias).

A este cenário, tendencialmente marcado pela não correspondência entre a generalidade dos conteúdos das notícias destacadas na homepage e os conteúdos das notícias que compõem o alinhamento noticioso das edições off line, acresce o facto de, na maioria dos casos, a manchete das edições on-line não coincidir com a notícia de abertura das respectivas edições off line - não obstante se verificarem regularidades ao nível da tematização e do âmbito geográfico destas notícias.

Semelhanças e Singularidades entre as manchetes/notícias de abertura das edições on e off line da RTP

No contexto da RTP on-line são mais as diferenças do que as regularidades encontradas entre as notícias destacadas em primeiro plano. Com efeito, ainda que as edições on e off line tenham em comum o facto de destacarem a notícia do levantamento da imunidade Parlamentar a Ferro Rodrigues a propósito do Processo Casa Pia - no âmbito do tema Política Nacional - e a notícia da tentativa de captura de um elemento da rede AlQaeda - no âmbito do tema Segurança Externa - a RTP off line relevou também um acontecimento decorrente dos atentados em Madrid e a notícia da emboscada de que foram alvo alguns militares portugueses no Iraque.

Face ao tema Economia Nacional, verifica-se que ambas relevam a notícia do aumento dos combustíveis, ainda que a RTP on-line tenha destacado também o encerramento da fábrica Bombardier. No que se refere ao tema Justiça Nacional, observa-se a mesma tendência, i.e., ainda que as duas edições destaquem a libertação de Jorge Ritto no âmbito do Processo Casa Pia, a RTP on-line releva ainda uma entrevista dada pelo juiz Rui Teixeira e a notícia de que Cunha Rodrigues afirma serem raros os casos de corrupção na Justiça, ao passo que a RTP off line valoriza a notícia de que Ferro Rodrigues vai depor a favor de Paulo Pedroso.

Quanto ao tema Segurança Nacional, verifica-se que a RTP on-line destaca a notícia do apelo de Jorge Sampaio ao combate do terrorismo islâmico e a notícia do seu apelo à calma dos portugueses face às ameaças terroristas na Europa, sendo que a RTP off line releva a notícia da criação da figura do coordenador anti-terrorismo para a Europa e a notícia do encerramento das fronteiras portuguesas durante o Euro 2004.

Em relação ao tema Saúde e Sociedade, a RTP on-line dá relevância à notícia das manifestações contra a despenalização da interrupção voluntária da gravidez em frente ao Parlamento ao passo que a RTP off line privilegia a notícia de que o aborto irá continuar a ser crime em Portugal e a notícia de terem sido distribuídos panfletos anti aborto em escolas portuguesas.

Note-se, ainda, a RTP off line destaca a notícia da reestruturação da sua empresa, sendo que a RTP on-line privilegia a notícia do programa de acompanhamento do Euro 2004 ter sido aberto a todas as crianças.

Quadro 8:

Manchetes e Notícias de abertura das edições on e off line da RTP

	EDIÇÃO ON-LINE	EDIÇÃO OFF LINE
Dias	Manchete on-line	Notícia de abertura
1.03.04	Rebeldes chegados aos subúrbios da capital do Haiti recebidos entusiasticamente	Marc Dutroux proibiu a divulgação da sua imagem mas poderá vir a colaborar no seu julgamento
3.03.04	Aborto em debate: manifestação contra interrupção da gravidez em frente ao Parlamento	O Aborto vai continuar a ser crime em Portugal
4.03.04	Levantamento de imunidade parlamentar a Ferro Rodrigues	Foi pedido o levantamento da imunidade parlamentar a Ferro Rodrigues (PS), António Costa (PS) e Francisco Louçã (BE)
5.03.04	Programa de selecção de acompanhantes do Euro 2004 aberto a todas as crianças	Folhetos anti-aborto com imagens chocantes foram distribuídos em escolas primárias
16.03.04	Não há ameaça credível	Está identificado um dos homens que colocou as bombas nos comboios de Madrid
17.03.04	Bombardier fecha na Amadora	Portugal vai reintroduzir as fronteiras antes do Euro 2004
18.03.04	Nº2 da AlQuaeda pode estar cercado	Está cercado no Paquistão o n.º2 da al-Qaeda
19.03.04	Combate ao terrorismo. O presidente da República pediu consensos políticos nesta matéria e apelou à rejeição do medo como forma de anular as novas ameaças	Coordenador anti-terrorismo para a Europa pode ser nomeado já na próxima semana
21.03.04	Caso Casa Pia: distribuição irregular	Processo Casa Pia em Semana Decisiva
29.03.04	Entrevista a Rui Teixeira	RTP acompanhou em exclusivo um teste anti terrorismo(...)
30.03.04	Greve do SEF - Governo disposto a tudo para contrariar a greve	Ferro Rodrigues vai testemunhar (...)
31.03.04	Um teste importante	Nasceu a nova RTP (...)
1.04.04	Investigue-se. O 1º ministro quer que a Autoridade da Concorrência investigue o preço dos combustíveis	Os combustíveis voltaram a subir (...)
2.04.04	Ritto libertado	Jorge Ritto foi libertado (...)
3.04.04	Ritto libertado	Jorge Ritto foi ontem libertado (...)
4.04.04	«Fumos de corrupção na justiça são raros» diz Cunha Rodrigues	Três militares da GNR foram alvo de uma emboscada (...)
Total	16 edições on-line	16 edições off line

Semelhanças e Singularidades entre as manchetes/notícias de abertura das edições on e off line da SIC

No contexto da SIC, e à semelhança do que sucede no contexto das edições noticiosas on e off line da RTP, verificam-se mais diferenças do que semelhanças entre as notícias de abertura e as manchetes on-line.

Ainda que os dois tipos de edições tenham destacado notícias sobre a polémica em torno da interrupção voluntária da gravidez - no âmbito da Política Nacional - a SIC off line privilegiou a notícia da Oposição ter apresentado propostas de despenalização da interrupção voluntária da gravidez, ao passo que a SIC on-line relevou a notícia das reacções pós debate.

A edição on-line relevou, ainda, o tema Religião ao destacar a notícia do poder da Igreja face ao poder político no que concerne à polémica em torno da despenalização da interrupção voluntária da gravidez.

No que se refere ao tema Segurança Nacional, se as duas edições têm em comum o facto de terem destacado a notícia do apelo de Jorge Sampaio ao combate do terrorismo islâmico, a edição on-line não só deu mais cobertura ao tema referido como relevou diferentes conteúdos face à edição off line.

Com efeito, a edição on-line noticiou ainda: 1) o facto de Durão Barroso ter convocado Ferro Rodrigues e Jorge Sampaio para reflectirem em torno do combate ao terrorismo islâmico; 2) o facto de Durão Barroso apelar ao respeito pela comunidade islâmica em Portugal; 3) o facto de Portugal suspender a abertura das suas fronteiras durante o Euro 2004, e 4) o facto do SEF culpar o Governo pela greve que pensam fazer durante este evento; sendo que a edição off line relevou a notícia de que Jorge Sampaio é contra a retirada das tropas portuguesas do Iraque, e a notícia de que o jornal Correio da Manhã foi alvo de uma ameaça supostamente terrorista.

A relação inverte-se face ao tema Segurança Externa no que se refere ao número de notícias subordinadas a esta temática, mantendo-se a tendência quanto ao conteúdo noticioso. Ainda que as duas edições tenham destacado a notícia da situação da Europa face ao terrorismo a partir dos atentados de 11 de Março em Madrid, a edição off line privilegiou a notícia de que os militares portugueses foram alvo de uma emboscada no Iraque e a notícia de uma violenta explosão no centro de Bagdad.

No que concerne ao tema Justiça Nacional, verifica-se que a edição on-line deu menos cobertura a este tema, mantendo-se a tendência para a diferenciação em termos de conteúdos noticiosos. Com efeito, ainda que as duas edições tenham em comum o facto de terem noticiado acontecimentos decorrentes do Processo Casa Pia, com destaque para a libertação de Jorge Ritto, a edição on-line noticiou também o facto das prisões preventivas poderem ser anuladas, ao passo que a edição off line noticiou outras decisões tomadas pela juíza do Processo Casa Pia, e o facto do Ministério Público querer ouvir Ferro Rodrigues, António Costa e Francisco Louçã a propósito da violação do segredo de justiça.

Em termos de singularidades, registre-se ainda que a edição on-line noticiou um facto inédito no âmbito da medicina espanhola, a vivência da homossexualidade na adolescência, o facto do Ministério Público ter recusado

as críticas de manipulação do balanço dos Hospitais S.A, e o facto de Naide Gomes ter ganho uma medalha de ouro em Pentalto, ao passo que a edição off line privilegiou a notícia de 200 mil portugueses passarem fome, e a notícia de um acidente de viação no viaduto Duarte Pacheco.

Quadro 9:

Manchetes e Notícias de abertura das edições on e off line da SIC

	EDIÇÃO ON-LINE	EDIÇÃO OFF LINE
Dias	Manchete on-line	Notícia de abertura
3.03.04	Dizem sim mas votam não. Oposição apresenta propostas a favor da despenalização da interrupção voluntária da gravidez e critica a direita	A discussão sobre a despenalização da interrupção voluntária da gravidez terminou com manifestações e festejos nos galerias
4.03.04	Inédito: cirurgiões espanhóis ligam um braço a uma perna para manter o membro vivo	O Ministério público quer ouvir Ferro Rodrigues, F.Louçã e António Costa por causa da violação de segredo de justiça relacionada com o processo Casa Pia
5.03.04	Campeã do mundo. Naide gomes conquista medalha de ouro no pentatlo	Acidente no viaduto Duarte Pacheco em Lisboa
7.03.04	O Estado tem consciência: bispos portugueses desafiam poder político e reafirmam a sua oposição ao aborto	A SIC foi testar a segurança dos estádios onde vai haver jogos do Euro 2004
15.03.04	Medidas preventivas: Durão Barroso reúne-se com Ferro e Sampaio para analisar combate ao terrorismo	O jornal Correio da Manhã recebeu uma ameaça terrorista contra Portugal que teria lugar antes do euro 04
16.03.04	Durão Barroso pede respeito pela comunidade islâmica em Portugal	Jorge Sampaio é a favor da continuidade da GNR no Iraque
17.03.04	Fronteiras fechadas: Portugal suspende acordo	Uma violenta explosão atingiu o centro de Bagdad. Há pelo menos 27 mortos
19.03.04	Império da lei: J.Sampaio apela à cooperação no combate ao «terrorismo messiânico	Jorge Sampaio afirma que Portugal não deve ceder ao terrorismo
21.03.04	Prisões preventivas no Processo Casa Pia podem ser anuladas	Um estudo recente revela que 200 mil pessoas passam fome em Portugal
30.03.04	Sindicato do SEF culpa Governo pela greve durante o Euro 04	A juíza do Processo Casa Pia recusou pedido(...)
31.03.04	Críticas sem fundamento: Ministério da Saúde recusa acusações de manipulação no balanço dos hospitais S.A	A juíza do Processo Casa Pia ouviu hoje a perita(...)
1.04.04	Terrorismo na Europa	3 semanas depois do atentado de 11 de Março(...)
2.04.04	Jorge Ritto em liberdade	Jorge Ritto não fez qualquer comentários à chegada(...)
4.04.04	Homossexualidade na adolescência	4 militares da GNR ficaram feridos numa emboscada(...)
Total	13 edições on-line	13 edições off line

Semelhanças e Singularidades entre as manchetes/notícias de abertura das edições on e off line da TVI

Em comum com a RTP e a SIC, a TVI tem o facto de haver mais diferenças do que semelhanças entre as notícias de abertura off line e as manchetes das suas edições on-line.

Ainda que ambas as edições tenham destacado em primeiro plano, e no que concerne ao tema Segurança Nacional, a notícia de uma explosão ocorrida na Gare do Oriente, a edição on-line noticiou também o facto de Jorge Sampaio se revelar contra a retirada das tropas portuguesas do Iraque, o facto da polícia espanhola estar no encalço de mais três terroristas responsáveis pelos atentados em Madrid, e o facto da PSP multar responsáveis pelas manifestações anti-guerra; ao passo que a edição off line noticiou o facto de alguns militares portugueses terem sido alvo de uma emboscada no Iraque e o facto de três marroquinos suspeitos de terrorismo terem estado em Portugal.

No que concerne ao tema Justiça Nacional, ainda que as duas edições tenham noticiado acontecimentos decorrentes do Processo Casa Pia e tenham em comum o facto de noticiarem a libertação de Jorge Ritto, a descredibilidade associada às testemunhas e as denúncias de abusos sexuais e de maus tratos no Santuário da Santa da Ladeira, a edição on-line noticia também o facto dos advogados serem obrigados a revelar operações suspeitas, e o facto de se ter descoberto novas tentativas de abusos sexuais no âmbito do Processo Casa Pia, sendo que a edição off line destaca a notícia de que o médico Ferreira Dinis (arguido no processo judicial referido) vai permanecer em casa com a pulseira electrónica e a notícia de que Bibi está preparado para revelar mais denúncias.

Ainda no campo das especificidades, registre-se que a edição on-line destacou os temas Economia/Emprego nacional ao relevar a notícia de que Durão Barroso admite aumentos acima da inflação, o tema Política Nacional pela notícia de que Pina Moura se revela contra a escolha de Sousa Franco no âmbito das eleições europeias e pela notícia de que Jorge Sampaio defende uma maior autoridade no futebol, a propósito do incidente em Marco de Canavezes; ao passo que a edição off line noticiou a ida a julgamento dos acusados no Processo de Corrupção da Brigada de Trânsito, o estado crítico de saúde de duas gémeas em gestação e o facto de alguns ministros e secretários de Estado terem sido apanhados a conduzir a grande velocidade.

Quadro 10:

Manchetes e Notícias de abertura das edições on e off line da TVI

	EDIÇÃO ON-LINE	EDIÇÃO OFF LINE
Dias	Manchete on-line	Notícia de abertura
2.03.04	Sampaio defende maior intervenção das autoridades no futebol	A quase totalidade dos acusados do processo de corrupção na Brigada de Trânsito vai a julgamento
6.03.04	Sousa Franco é «escolha inapropriada», diz Pina Moura	População de Moncorvo em estado de choque
16.03.04	Explosão na Gare do Oriente lançou o pânico	Os marroquinos presos em Espanha por suspeita de terrorismo terão estado em Portugal e a judiciária tem pistas que apontam nesse sentido
18.03.04	Explosão na Gare do Oriente lançou o pânico	última hora: momentos de pânico na Gare do oriente quando se ouviu uma explosão. A Brigada de Minas e Armadilhas provocou a explosão de uma mochila suspeita
20.03.04	PSP multa responsáveis por manifestação anti-guerra em Lisboa	Bibi está preparado para denunciar mais nomes no processo Casa Pia
21.03.04	Durão admite aumentos acima da inflação	O médico F.Diniz vai continuar em casa com a pulseira electrónica segundo decisão do juiz Nuno Costa
29.03.04	Escândalo no santuário da Santa da Ladeira	Há denúncias de abusos sexuais e maus tratos no santuário da Santa da Ladeira
30.03.04	Novas suspeitas de abusos sexuais podem conduzir a mais detenções	Como salvar duas gémeas que ainda estão em gestação(...)
31.03.04	Casa Pia: «Vítimas sem credibilidade»	A estratégia dos acusados está em descredibilizar(...)
1.04.04	Advogados obrigados a revelar operações suspeitas	Na estrada ministros e secretários de Estado foram(...)
2.04.04	Jorge Ritto foi libertado	Jorge Ritto não fez qualquer comentário à chegada(...)
4.04.04	Madrid: Polícia no encalço de mais três terroristas	Última hora: 4 soldados da GNR foram feridos numa emboscada
Total	12 edições on-line	12 edições off line

Retomando a perspectiva inter media, e a avaliar pelos dias em que foi possível gravar as edições on e off line da RTP, SIC e TVI em simultâneo, dir-se-á que no domínio das manchetes on-line ainda que se observem regularidades quanto ao âmbito geográfico, a tendência também não é para a homogeneização noticiosa ao nível dos conteúdos, acentuando-se inclusive as diferenciações quanto à tematização.

A excepção centra-se nas edições do dia 2 de Abril de 2004 visto que a notícia alvo de um maior destaque pelas três edições, inclusive pelas respectivas edições off line, foi a notícia da libertação de Jorge Ritto no âmbito do processo Casa Pia.

Se no dia 16 de Março do referido ano, os conteúdos noticiosos variam consoante o media, obedecendo porém à mesma temática, já no dia 21 mantém-se a tendência quanto aos conteúdos. Porém, se a RTP e a SIC on-line destacam o tema Justiça Nacional, a TVI releva o tema Economia.

No dia 30 de Março a RTP e a SIC privilegiam o mesmo conteúdo (subordinado aos temas Segurança Nacional/Emprego), ao passo que a TVI aposta no tema Justiça Nacional; nos dias 31 de Março, 1 e 4 de Abril as redacções privilegiaram temas distintos: no dia 31 a RTP on-line destaca o Desporto Nacional, a SIC on-line releva o tema Economia, e a TVI on-line o tema Justiça Nacional; no dia 1 de Abril a RTP on-line destaca o tema Economia, a SIC on-line o tema Segurança Externa e a TVI on-line o tema Justiça Nacional; sendo que no dia 4 de Abril a RTP on-line releva o tema

Justiça Nacional, a SIC on-line destaca o tema Sociedade e a TVI on-line o tema da Segurança Externa.

Note-se, também, que ainda que as edições on-line da RTP e da SIC tenham em comum o facto de terem destacado a mesma notícia no dia 30 de Março, i.e., a notícia da ameaça de greve por parte do SEF, a redacção da RTP on-line privilegiou a óptica do Governo enquanto que a redacção da SIC on-line privilegiou a óptica do sindicato do SEF.

Quadro 11:

Manchetes on-line (não)comuns às edições da RTP, SIC e TVI on-line

Dias	Manchetes on-line RTP	Manchetes on-line SIC	Manchetes on-lineTVI
16.03.04	Não há ameaça credível	Durão Barroso pede respeito pela comunidade islâmica em Portugal	Explosão na Gare do Oriente lançou o pânico
21.03.04	Caso Casa Pia: distribuição irregular	Prisões preventivas no Processo Casa Pia podem ser anuladas	Durão admite aumentos acima da inflação
30.03.04	Greve do SEF - Governo disposto a tudo para contrariar a greve	Sindicato do SEF culpa Governo pela greve durante o Euro 04	Novas suspeitas de abusos sexuais podem conduzir a mais detenções
31.03.04	Um teste importante	Críticas sem fundamento: Ministério da Saúde recusa acusações de manipulação no balanço dos hospitais S.A	Casa Pia: «Vítimas sem credibilidade»
1.04.04	Investigue-se. O 1º ministro quer que a Autoridade da Concorrência investigue o preço dos combustíveis	Terrorismo na Europa	Advogados obrigados a revelar operações suspeitas
2.04.04	Ritto libertado	Jorge Ritto em liberdade	Jorge Ritto foi libertado
4.04.04	«Fumos de corrupção na justiça são raros» diz Cunha Rodrigues	Homossexualidade na adolescência	Madrid: Polícia no encalço de mais três terroristas

A avaliar pelo número de parágrafos da notícia em cada uma das edições on-line, dir-se-á que a notícia foi mais desenvolvida no contexto da RTP on-line (numa relação de 24 para 10 parágrafos face à SIC, e de 24 parágrafos para 5 face à TVI).

As edições on-line da SIC e da TVI têm em comum o facto da notícia ter a autoria de um jornalista interno, distanciando-se assim da RTP on-line dado que o autor da notícia é a Agência Lusa.

A edição on-line da SIC foi a edição em que o texto noticioso foi complementado por um número maior de imagens (com destaque para a fotografia), seguindo-se as edições on-line da TVI e da RTP. As edições on-line da RTP e da SIC têm em comum o facto das imagens serem assinadas (RTP e SIC on-line, respectivamente). A edição on-line da TVI distingue-se das demais dado ter sido a única que complementou o texto noticioso com o vídeo da mesma.

É também na edição on-line da TVI que a notícia surge complementada por mais artigos em arquivo (numa relação de 8 para 6 artigos face à SIC), não se registando qualquer referência a artigos em arquivo no contexto da edição on-line da RTP.

A singularidade da edição on-line da TVI marca-se, também, pelo facto de ser a única em que a notícia é alvo de comentário por parte dos utilizadores,

sendo que a singularidade da edição da SIC on-line assenta, também, no facto de ser a única em que a notícia é alvo de uma sondagem para efeitos de aferição do grau de interesse do utilizador.

Registe-se, ainda, que a notícia pode ser imprimida no contexto das três edições on-line, sendo que as edições da RTP e da SIC possibilitam, ainda, o envio da notícia a terceiros.

Quadro 12:

Quadro-Síntese do tratamento dado à manchete comum às edições on-line da RTP, SIC e TVI

TV	N.º de parágrafos	Tipo e designação da fonte da notícia	N.º de imagens associadas à notícia	Tipo e designação da fonte da imagem	Existência de peça multimédia associada à notícia	N.º e tipo de hiperligações associadas à notícia	Espaço para comentário à notícia	Espaço para medir o grau de interesse face à notícia
RTP	24	Agência Lusa	1(foto)	RTP	não	Não observadas	Não	Não
SIC	10	Jornalista interno	3 (2 fotos + gif)	SIC on-line	sim	6 (artigos em arquivo)	Não	Sim
TVI	5	Jornalista interno	2 (1 foto + vídeo)	Não observada	Sim (vídeo da notícia)	9 (8 artigos em arquivo; 1 vídeo da notícia)	Sim	não

A tendência para o distanciamento em termos de conteúdos noticiosos a par da tendência para a proximidade mas também para o distanciamento em termos de tematização e para as regularidades em termos do âmbito geográfico das notícias, são também visíveis no contexto das notícias de abertura das edições off line da RTP, SIC e TVI.

Existem apenas dois dias em que as três edições privilegiaram a mesma notícia para efeitos de abertura dos respectivos noticiários (os dias 2 e 4 de Abril).

No dia 16 de Março, os conteúdos variam consoante o media, sendo que as redacções da RTP e da TVI off line têm em comum o facto de terem privilegiado o tema Segurança Externa distanciando-se, assim, da redacção da SIC off line visto que esta privilegiou o tema Segurança Nacional.

O mesmo sucede quanto ao dia 21: os conteúdos variam consoante o media; as redacções da RTP e da TVI off line têm em comum o facto de terem relevado o tema Justiça Nacional, ao passo que a redacção da SIC off line destacou uma notícia que reporta ao tema Sociedade.

Quanto ao dia 30, mantém-se a tendência para a variação dos conteúdos noticiosos consoante o media, porém, é o Jornal Nacional da TVI que marca a diferença em termos de tematização dado que privilegiou uma notícia que reporta ao tema Saúde, ao passo que o Telejornal (RTP) e o Jornal da Noite (SIC) relevaram notícias sobre Justiça Nacional.

Em relação ao dia 31, verifica-se de novo a variação do conteúdo noticioso. Contudo, é o Telejornal da RTP que faz a diferença ao privilegiar a notícia da reestruturação da estação de televisão pública portuguesa,

afastando-se do Jornal nacional da TVI e do Jornal da Noite da SIC dado que destacaram notícias sobre Justiça Nacional.

O dia 1 de Abril marca-se pela variação de conteúdos e temas consoante os media em análise: o Telejornal da RTP destaca a notícia sobre o aumento dos combustíveis, o Jornal da Noite da SIC releva a notícia sobre o estado da Europa após os atentados de 11 de Março em Madrid, e o Jornal Nacional da TVI destaca a notícia de que alguns secretários de Estado e ministros foram apanhados na estrada a conduzir a velocidade excessiva.

Quadro 13:

Notícias de abertura (não) comuns às edições off line da RTP, SIC e TVI

Dias	Notícias de abertura off line RTP	Notícias de abertura off line SIC	Notícias de abertura off line TVI
16.03.04	Está identificado um dos homens que colocou as bombas nos comboios de Madrid	Jorge Sampaio é a favor da continuidade da GNR no Iraque	Os marroquinos presos em Espanha por suspeita de terrorismo terão estado em Portugal e a judiciária tem pistas que apontam nesse sentido
21.03.04	Processo Casa Pia em Semana Decisiva	Um estudo recente revela que 200 mil pessoas passam fome em Portugal	O médico F.Diniz vai continuar em casa com a pulseira electrónica segundo decisão do juiz Nuno Costa
30.03.04	Ferro Rodrigues vai testemunhar(...)	A juíza do Processo Casa Pia recusou pedido(...)	Como salvar duas gémeas que ainda estão em gestação(...)
31.03.04	Nasceu a nova RTP(...)	A juíza do Processo Casa Pia ouviu hoje a perita(...)	A estratégia dos acusados está em descredibilizar(...)
1.04.04	Os combustíveis voltaram a subir (...)	3 semanas depois do atentado de 11 de Março(...)	Na estrada ministros e secretários de Estado foram(...)
2.04.04	Jorge Ritto foi libertado(...)	Jorge Ritto não fez qualquer comentários à chegada(...)	Jorge Ritto não fez qualquer comentário à chegada(...)
4.04.04	Três militares da GNR foram alvo de uma emboscada (...)	4 militares da GNR ficaram feridos numa emboscada(...)	Última hora: 4 soldados da GNR foram feridos numa emboscada

E como o espaço dedicado à informação nos sites das televisões generalistas portuguesas é um espaço privilegiado – considerando a lógica do reforço da imagem de marca associada às suas emissões off line, traduzida na importância que a informação assume nas grelhas da sua programação - pediu-se aos entrevistados que se referissem às razões que justificam as escolhas dos vários temas e conteúdos noticiosos. Da análise resulta o facto de às opções não serem alheios o número reduzido de recursos humanos especializados, o primado das audiências e a relativa dependência face à edição off line.

«Por vezes existem algumas áreas que são descuradas por falta de meios, por nossa vontade teríamos sempre 2 ou 3 homepages diferentes, para cada um que nós chamamos canais no site da SIC. Eu sei que a Arte e Prazer é constantemente descurada mas não é por vontade (...)É o que as pessoas procuram mais, e isso muitas vezes impõe-se e nós não temos meios para ir a tudo(...)uma parte na actualidade do dia-a-dia que nos é imposta, sei lá, uma ponte que caiu, um comboio que descarrilou, algumas coisas que temos que dar e que fazemos com base quer na antena, quer nas agências e depois trabalhos mais aprofundados, tipo um multimédia ou um dossier do Médio Oriente, onde vamos um bocadinho mais fundo.»(LM, SIC)

«O principal objectivo a nível editorial é a última hora. Última hora o mais rápido possível (...)A nossa base, o primeiro critério são as notícias da SIC notícias, o alinhamento(...)em muitos casos, nomeadamente ao nível internacional, chegamos mais à frente. Temos mais do que a SIC notícias e do que a SIC.» (RR, SIC)

«O Jornal Nacional não teve tempo para dar internacional e nós demos. Nós damos notícias que não são interessantes para o público generalista do Jornal Nacional mas são interessantes para nós. Nós damos mais notícias e histórias de internet que dá o Jornal Nacional(...)fazemos algumas coisas, nomeadamente na área da cultura. Fazemos algumas investidas próprias. Damos mais notícias do que a televisão TVI dá. Nós não temos limite de espaço, limite de tempo» (PB, TVI)

«As minhas apostas editoriais no site, aquilo que era possível fazer com a quantidade de pessoas que havia na altura era nacional e desporto.» (JAC, RTP)

Registe-se, também, que excluindo as notícias de última hora, verifica-se que a homepage da RTP on-line apresenta o maior número de notícias por edição (numa relação de 6 para 5 notícias face à SIC; e numa relação de 6 para 1 face à TVI).

Note-se, ainda, que o número de notícias nas edições on-line (homepage e páginas de enquadramento temático) é superior ao número de notícias apresentadas em cada um dos noticiários off line, indiciando assim uma clara estratégia de aproveitamento da (relativa) ilimitação de espaço na Internet para efeitos de publicação mas, não tanto, para dar visibilidade a temas e a actores sociais que tradicionalmente têm pouca expressão nos noticiários (por exemplo: Cultura, Arte, Ambiente, Tecnologia; Acção Social, minorias étnicas, ONG).

Os problemas e as mais valias dos projectos editoriais da RTP, SIC e TVI on-line

Questionados sobre as lacunas dos seus projectos editoriais on-line, os entrevistados salientam, entre outros aspectos, a falta de mais peças multimédia, com destaque para o vídeo, relevando os condicionamentos técnicos e humanos que inviabilizam um uso mais optimizado das potencialidades da Internet.

«Na TVI, acho que o grande mérito foi terem construído uma estrutura antes de todos os outros, que lhes permitiu automatizar alguns processos que tem visibilidade na antena, aquela ideia do scroll de notícias que passam nos noticiários da TVI que está automatizada há muito tempo.» (JAC, RTP)

«O site da RTP foi feito muito segundo os critérios que a SIC utilizou, porque o site actual da RTP, baseou-se em pessoas que fizeram este site também, portanto é normal que assim seja, não estou a acusar ninguém de plágio, é normal que as pessoas mantenham as mesmas ideias, e os critérios corrigidos, aumentados e revistos, mas que as bases sejam um pouco as mesma (...) preocupo-me em ver a evolução, ver a quantidade de multimédia que tem. Algumas iniciativas engraçadíssimas que se calhar eu gostava de ter feito, como criar uma espécie de blogs para os imigrantes...» (LM, SIC)

«Nós somos uma estação de televisão e neste momento já não é um impedimento a largura de banda (...). É a nossa mais valia (...) há uma condicionante técnica (...) um vídeo novo de hora a hora (...) exige uma intervenção directa de alguém (...) Acho que nós temos e que os outros não têm, e ainda que estejamos muito condicionados ao nível dos recursos humanos e a nível técnico, nós temos mais vídeo (...) a RTP não tem vídeo o que tem é a informação dos jornais e praticamente é informação da Lusa. Nós temos uma redacção própria só para jornalismo e o que eles têm na TVI é um misto... eles trabalham numa notícia e a seguir vão trabalhar para a Quinta das Celebidades... nós fazemos uma aposta maior na informação do que os outros meios televisivos (...).» (RR, SIC)

«Eu acho que neste momento faz sentido haver alguma rotatividade para que as pessoas percebam como funciona, agora no futuro, toda a gente trabalha para tudo não acredito e acho que não é viável porque todos temos dead lines diferentes e não se pode pedir ao jornalista que faça uma peça para a SIC Notícias., que também tem actualização constante e quanto mais depressa puser a notícia do ar ganha, portanto, há aqui um obstáculo: o que é que ele faz primeiro? É a da televisão? Ou é a do site? Sendo que para ambas quanto mais depressa estiver no ar melhor. E não se pode fazer as duas ao mesmo tempo, por mais que a base seja a mesma. Portanto, vai continuar a haver pessoas mais dedicadas ao on-line e outras à televisão e isto para aquilo que requer uma notícia de última hora. Agora nem toda a notícia é assim. Há acontecimentos que não vivem da actualidade mas sim da importância daí o mesmo jornalista é capaz de produzir para os vários meios (...).» (RR, SIC)

«Melhorava o aspecto do site. Não tenho infelizmente staff para accionar o que precisa de ser accionado. Tenho problemas ao nível editorial. Não consigo, por exemplo dizer, e já lá vai um ano, dizer que esta notícia aparece antes daquela e tenho um problema com o vídeo. Neste momento não tenho ninguém a fiscalizar vídeo para a informação. As pessoas que havia estão neste momento a trabalhar para a Quinta e portanto a questão do vídeo on-line está em stand by. Não dá para fazer tudo e por isso escolhe-se o que dá para fazer. Optaria por fazer menos notícias e mais dicas complementadas por vídeo... gostava de ter um backoffice mais fácil de usar. Mas isto tem a ver com o sítio em que estamos instalados, com o nosso servidor. Por exemplo, eu posso agora meter uma notícia no ar e ela só parece on-line daqui a meia hora, mesmo que eu tenha sido super rápido. Tenho limites de caracteres que posso usar por cada notícia... enfim, os meus problemas são basicamente de ordem técnica (...) se os jornalistas fossem mais autónomos poderia ter aqui jornalistas a fiscalizar (...) gostava que a TVI em directo fosse mais simples de usar, que as pessoas não tivessem só o real play mas também o Windows media player (...) mas isso implica ter mais servidores para cada mas não está ao meu alcance. Estamos à espera que isso aconteça (...) nós temos objectivos jornalísticos e nós não

estamos aqui propriamente para fazer dinheiro mas, antes sim, para o não gastar, para não fazer parte do bolo dos prejuízos. Mas nos outros projectos vejo as coisas de uma forma mais complicada (...)e depois há outra séries de equívocos como, por exemplo, a loucura em torno dos blogs(...)eu tenho sérias dúvidas relativamente à facilidade com que se publicam ilações, boatos na Internet e que se confundem com informação(...)» (PB, TVI)

As tendências actuais e futuras do jornalismo on-line nacional

Os anos pós 2001 são vistos pela generalidade dos entrevistados como um tempo de consolidação da importância dos sites televisivos, sublinhando-se a procura de novos modelos de negócios que permitam a sustentabilidade dos projectos on-line, a marca da credibilidade das estações televisivas, a crítica ao negócio comercial da comunicação social e ao jornalismo on-line de «secretária» mas, também, a falta de atitude crítica por parte da generalidade dos portugueses.

«Se a internet está a influenciar é porque veio para ficar. Se as pessoas confiam na TVI televisão vão confiar na TVI on-line e as pessoas não fazem essa distinção. A TVI tem um espírito de missão, nós estamos a ensinar as pessoas a navegar na Internet, dando-lhes acesso a novos links para complementarem a sua pesquisa (...)» «Há uma série de equívocos(...) Há demasiados engenheiros à frente dos projectos de jornalismo on-line. Os projectos de comunicação social devem ser dirigidos por pessoas que têm formação em jornalismo. E toda a comunicação social se tornou numa máquina de fazer dinheiro. Tornou-se num negócio(...) no caso da Internet é particularmente complicado porque existe esta separação entre o que é um jornalismo e o que é um produtor de conteúdos(...) A Internet devia funcionar como um meio mais alargado para termos acesso a toda a informação(...) não acho que para estarmos informados temos de ver o jornal da TVI mas, sim, o jornal da TVI, da SIC, da RTP(...) mas as pessoas tomam por certo aquilo que recebem de uma só fonte e a Internet deveria ensinar precisamente o contrário(...) o público ainda não tem capacidade para lidar com o manancial de informação que tem ao seu dispor(...) tenho dúvidas que em plena Sociedade da Informação nós estejamos informados quanto baste para educar os nossos filhos a movimentarem-se na SI..» (PB, TVI)

«(...) o meu sonho neste momento é o dia em que contratarmos alguém e esse dia vai ser uma viragem, e acredito que esse dia vai acontecer. O dia em que contratarmos de novo alguém para o quadro, depois dos despedimentos, depois de tudo o que aconteceu. Neste momento com o modelo de negócio que está a ser traçado acredito que um dia destes vamos contratar alguém.» (LM, SIC)

«As entidades que não olham para a internet como um subproduto conseguem fazer coisas criativas, interessantes e que valem a pena. Quem olha como um subproduto será sempre um tumor e nessa perspectiva todo o dinheiro que se gastar será sempre dinheiro mal gasto, obviamente não vai dar retorno nem satisfação. Vai ser sempre uma chatice resolver os problemas que aquilo provoca. É a minha opinião.» (JAC, RTP)

«(...) o jornalismo on-line que está a ser praticado no país é, de certa forma, um jornalismo de secretária(...) Falta de recursos é a principal razão e alguma falta de organização(...) sim, há um desinvestimento na generalidade dos media(...) A tendência... é inevitável que o on-line – não chamemos on-line só ao site, pensemos em multiplataformas (PDA; telemóveis...) e vão surgir muito mais coisas daqui a 5 ou 10 anos. Em relação ao on-line vai ser o centro de tudo seja televisão, seja um jornal e isso já acontece nos EUA (...) ainda há muita incredibilidade e algum cepticismo mas é inevitável pois já há várias cabeças a pensarem isso(...) vai deixar de ser um mundo à parte.» (RR, SIC)

O futuro dos projectos on-line e da própria Internet é encarado com um optimismo moderado. Sublinha-se, em particular, a ideia de que a Internet não vai substituir os media tradicionais mas, antes sim, complementá-los, sendo

que essa complementaridade depende fortemente da capacidade de auto-sustentabilidade dos sites, da universalização de suportes, do posicionamento editorial e da relação de fidelização com os utilizadores.

«Com optimismo. Tivemos uma fase em que passámos de vários extremos, porque há pessoas que querem fazer dinheiro muito depressa e que não perceberam que as coisas funcionam por ciclos históricos. A minha opinião é que a Internet não vai matar nenhum dos outros media, a Internet é um media igual aos outros (...)» (PB, TVI)

«Agora estamos na altura de equilibrar as coisas, ou seja ficam menos sites, ficam os sites que as pessoas escolhem ver, ficam aqueles que tiveram capacidade financeira para se aguentar também, ou seja de facto pelo caminho ficam alguns sites que poderiam continuar, até em termos de negócio, mas que não conseguiram aguentar esta fase.» (LM, SIC)

«Acho que o caminho tende para aí, para que as redacções multimédia concentrem a parte de leão do processo de produção. Do ponto de vista do utilizador acho que nós tendemos para uma universalização dos suportes, nada impede uma estação de televisão de ter ensaios fotográficos, como nada impede um jornal de ter vídeo reportagens disponíveis no seu site. Portanto acho que vamos caminhar para aí, aquilo que vai distinguir cada entidade vai ser o seu posicionamento editorial e a relação de confiança que tem com as pessoas. E depois acho que se vai verificar a esse nível da diversificação e da ideia dos serviços complementares para os pda's e para os telemóveis, internet sem fios através do infografismo e através da visibilidade que isso tiver.» (JAC, RTP)

As notícias das televisões na internet

Considerando o contexto ideológico do jornalismo on-line e a apropriação que o jornalismo televisivo internacional de referência faz da Internet, teremos de concluir que as edições on-line das televisões generalistas portuguesas ainda estão longe de traduzir uma apropriação otimizada do conjunto das potencialidades oferecidas pela Internet, nomeadamente ao nível da interactividade entre a redacção e os utilizadores mas, e sobretudo, ao nível do fomento da interactividade entre comunidades de utilizadores, assim como ao nível da hipertextualidade e multimedialidade.

Mas, se nos centrarmos nas características (políticas, económicas, culturais e sociais) da sociedade portuguesa e, em particular, na apropriação que a generalidade dos media nacionais faz da Internet certamente que concluímos da necessidade de relativizar esse subaproveitamento e de valorizar as mudanças que a Internet indiscutivelmente já fez despoletar no jornalismo televisivo português, quer ao nível da produção, transmissão e disponibilização de conteúdos quer ao nível da relação com os seus telespectadores/utilizadores.

É possível dizer que os sites das três televisões generalistas portuguesas se afirmam como uma importante plataforma de divulgação e de promoção das estações televisivas no sentido em que estas se servem da sua presença on-line para projectar uma imagem de actualidade e de modernidade, visando o reforço da sua imagem pública pela fidelização de velhos e novos públicos. A informação constitui-se como um dos serviços mais importantes dos três sites - em conformidade com as respectivas emissões off line, funcionando como um instrumento privilegiado de fidelização quotidiana dos utilizadores no sentido em que estes acabam por voltar mais do que uma vez ao site, em busca de novidades de última hora.

À facilidade de acesso à informação e à possibilidade de se fazer uma actualização permanente das notícias – duas das mais importantes virtualidades da Internet – acresce o trabalho da redacção em seleccionar, sintetizar, decodificar e interpretar os acontecimentos, assumindo-se os jornalistas como mediadores privilegiados entre a sobrecarga informativa da Internet e o utilizador do site.

A oferta das edições noticiosas on-line das três televisões generalistas passa, sobretudo, pelo acesso gratuito a notícias actuais, tendencialmente curtas, de vocabulário simples, e apresentadas como um fim em si próprio, considerando que a generalidade das notícias não é complementada por hiperligações para artigos em arquivo ou para dossiers multimédia, vídeos e/ou infografismo. Apenas as notícias mais mediáticas eram dotadas destas características (por exemplo: notícias sobre o Processo Casa Pia, a Crise Iraquiana, os acontecimentos decorrentes dos atentados de 11 de Março em Madrid), indiciando a falta de recursos e de tempo dadas as prioridades editoriais (as notícias de última hora) e dada a prioridade que se continua a atribuir às edições noticiosas off line. Note-se, porém, que a tendência é para colocar as hiperligações fora do texto noticioso, considerando os hábitos tradicionais de leitura dos utilizadores e incompatibilidades técnicas ao nível das diferentes plataformas.

Por outro lado, a análise comparativa (intra e inter media) entre os alinhamentos noticiosos o das edições on e off line das três televisões

generalistas permite concluir que não existe uma reprodução do alinhamento noticioso, sobretudo, no que se relaciona com os conteúdos das notícias e a posição ocupada por cada uma delas, corroborando em parte a ideia generalizada da homogeneidade em termos de informação noticiosa on e off line.

Com efeito, e numa perspectiva intra media, existem poucas notícias em comum aos dois tipos de edições, não sendo também comuns os casos em que uma ou várias notícias da edição on-line ocupa(m) as primeiras cinco posições do alinhamento noticioso da edição off line, sendo que na maioria dos casos não existe correspondência entre a manchete das edições on-line e a notícia de abertura das respectivas edições off line; sob a perspectiva inter media, pode dizer-se que as redacções on e off line privilegiam, na generalidade, manchetes e notícias de abertura diferenciadas.

Em termos da tematização, âmbito geográfico e protagonistas das notícias destacadas existem algumas regularidades intra e inter media, sendo que a principal tendência é para se destacarem notícias sobre segurança, notícias de âmbito nacional e notícias cujos protagonistas são políticos.

A este propósito importa mais uma vez notar, dado o seu grau de influência, que às opções editoriais (on e off line) não são alheias o primado das audiências e que a redacção on-line se caracteriza pela existência de um número reduzido de recursos humanos especializados e pela relativa (in)dependência face à edição off line. Salienta-se, também, o facto das três redacções on-line recorrerem fortemente à Internet e às agências noticiosas em detrimento das fontes no terreno, dada a carência de meios (técnico, humanos e financeiros) das redacções on-line, em prol da redacção principal

Registe-se, ainda, que o número de notícias nas edições on-line (homepage e páginas de enquadramento temático) é superior ao número de notícias apresentadas em cada um dos noticiários off line, indiciando assim uma clara estratégia de aproveitamento da (relativa) ilimitação de espaço na Internet para efeitos de publicação, ainda que este aproveitamento não promova, de modo significativo, a visibilidade de temas e de actores sociais tendencialmente pouco explorados no âmbito das edições off line.

Neste sentido, e numa perspectiva intra media, dir-se-á que os resultados evidenciam a existência de projectos editoriais relativamente autónomos, predominando a lógica da complementaridade entre os dois tipos de edições; sendo que numa perspectiva intra media, se poderá dizer que os *sites* não se diferenciam muito tanto ao nível dos conteúdos como dos serviços noticiosos disponibilizados, não obstante haver singularidades de destaque.

A análise das entrevistas aos responsáveis pelos projectos noticiosos on-line, traz à evidência aspectos que consideramos pertinentes para uma melhor compreensão das vantagens e obstáculos à presença das televisões na Internet, e das tendências futuras no âmbito do jornalismo on-line, a saber:

- 1) o facto do actual momento ser representado como um tempo de consolidação da importância dos sites televisivos,
- 2) o facto do jornalismo on-line ainda não ter a marca do jornalismo dito «de terreno» devido, fundamentalmente, à escassez de tempo, dadas as prioridades editoriais (notícias de última hora) e ao número limitado de recursos (humanos, técnicos e financeiros) afectos às redacções em análise;

3) a falta de recursos (humanos, tecnológicos e financeiros) como justificação para a não optimização do uso do multimédia;

4) os constrangimentos de ordem técnica traduzidos na incompatibilidade de formatos (por exemplo: Internet versus Teletexto) e os tradicionais hábitos de leitura dos utilizadores enquanto factores que inviabilizam a colocação de hiperligações no texto noticioso;

5) a imprescindibilidade da interactividade no contexto do jornalismo on-line, associada às marcas de credibilidade, rigor e isenção das estações televisivas;

6) a importância do relacionamento personalizado entre jornalistas e utilizadores mas, ao mesmo tempo, também a falta de civismo dos utilizadores e as prioridades editoriais enquanto factores bloqueadores do uso do e-mail para esse fim;

7) a importância do fomento da criação de comunidades de utilizadores, sob a lógica de um modelo de negócio em parceria;

8) o papel determinante dos departamentos multimédia das estações televisivas face à mobilização de recursos (humanos, técnicos e financeiros) na tentativa de alterar positivamente as práticas e as representações tradicionalmente associadas ao jornalismo;

9) a necessidade de adaptar a oferta on-line aos interesses dos utilizadores e de desenvolver estratégias que visem a sua fidelização;

10) a necessidade de diversificar as fontes de receita dos sites visando a sua auto-sustentabilidade, o que explica o recurso permanente a plataformas móveis como os telemóveis (SMS), a presença, ainda que variável, de publicidade comercial, a perspectiva de conteúdos pagos e a presença do *e-commerce*;

11) o facto de nem todos os conteúdos noticiosos do site poderem ser pagos, atendendo à concorrência e à cultura de gratuidade da informação na Internet;

12) a aposta num modelo de negócio em parceria, adaptado às várias plataformas multimédia, como via para a rentabilização dos projectos;

13) a ideia de que a Internet não vai substituir os media tradicionais mas, antes sim, complementá-los, sendo que essa complementaridade depende fortemente da capacidade de auto-sustentabilidade dos sites, da universalização de suportes, do posicionamento editorial e da relação de fidelização com os utilizadores.

A generalidade dos resultados indicia, por um lado, o reforço da imagem de marca que socialmente está associada às emissões tradicionais da RTP, SIC e TVI (por exemplo: credibilidade, rigor, actualização, diversão, proximidade com os telespectadores) e, por outro, a necessidade de se fazer algumas rupturas de carácter funcional e conceptual face ao jornalismo tradicional e face aos modelos de interactividade tradicionais, não obstante o reconhecimento de que uma tecnologia (quase) nunca é explorada no seu máximo potencial.

Uma década após o início da procura da generalização do acesso à Internet, a televisão portuguesa caminha no sentido da optimização das potencialidades dessa nova tecnologia, ainda que essa vontade de optimização se confronte com problemas financeiros e organizacionais de peso e de difícil resolução no curto e no médio prazo.

Bibliografia

- BARBERO, Jesús MARTÍN, 1987, "De Los Medios a las Mediaciones", Barcelona, Gustavo Gili
- BARCA, Flavia, 1999, "The local television broadcasting system in Italy: too few resources for too many companies?" , *Media, Culture & Society*, vol.21 (12.03.2004)
- BASTOS, Helder, 2000, "Jornalismo Electrónico – Internet e Reconfigurações de Práticas nas Redacções", Coimbra, Minerva
- BENEYTO, José Vidal, 2002, " La Ventana Global, Madrid", Taurus,
- BORN, Georgina, 2003, "Strategy, positioning and projection in digital television: Channel Four and the commercialization of public service broadcasting in UK", University of Cambridge, UK, *Media, Culture & Society*, Vol.25 (12.03.04)
- BOURDON,, Jérôme, 2000, "Live television is still alive: on television as un fulfilled promise", Tel Aviv University, *Media, Culture & Society*, Vol.22 (12.03.2004)
- BRANDÃO, Nuno Goulart, 2002, "O espectáculo das notícias", Lisboa, Editorial Notícias.
- CARDOSO, Gustavo e outros, 2005, *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto: Campo das Letras
- CASETI, Francesco, ODIN, Roger, "De la paléo à la néo-télévision", *Communications*, nº 51, Paris,1990, Seuil.
- CASTELLS, Manuel, 2001, "The Internet Galaxy", Oxford, Oxford University Press
- CASTELLS, Manuel, 2002, "A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Lisboa, Gulbenkian
- CHALABY, Jean K at al., 1999, "The broadcasting media in the age of the risk – the advent of digital television", *New Media and Society*, Vol.1 (12.03.2004)
- CREEBER, Glen, 2004, "Hideously White: British Television, Globalization and National Identity", University of Wales, Vol.5, n.º1 (13.03.2004)
- DAHLBERG, Lincoln, 2001, "Democracy via Cyberspace- mapping the rhetorics and practices of three proeminent camps", Massey University, New Zealand, *New Media and Society*, Vol 3 (13.03.2004)
- DAYAN, Daniel, 2001, "The peculiar public of television", Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, *Media, Culture & Society*, Vol. 23 (13.03.2004)
- EKSTROM, Mats, 2000, "Information, storytelling and attractions: TV journalism in three modes of communication", Department of Communication and Media Studies, University of Orebro, Sweden, *Media, Culture & Society*, vol.22, (14.03.2004)
- FETVEIT, Arild, 1999, "Reality TV in the Digital Era: a paradox in visual culture?", University of Oslo, *Media, Culture & Society*, vol.21 (28.03.2004)
- FLEISCHNER, Edoardo, SOMMALVICO, Bruno, 2002, "La TV diventa digitale, scenari per una difficile transizione" , Milano, Franco Angeli.

GEA, Charo Gutiérrez, 2002, “Televisão e qualidade: perspectivas de investigação e critérios de avaliação”, in “Televisão, qualidade e serviço público”, Observatório nº6, Novembro de 2002.

GIANNOTI, Francesco, 2001, “Televisione su misura: digitale e satellite, fare e vedere la nuova TV”, Milano, Lupetti.

HARGITTAI, Eszter, 2004, “Internet access and use in context”, Northwestern University, *New Media and Society*, vol.6 (28.03.2004)

HIBBERD, Matthew, 2001, “The reform of public service broadcasting in Italy”, *Media, Culture & Society*, vol.23 (28.03.2004)

HOYNES, William, 2003, “Branding Public Service – the «new PBS» and the privatization of public television”, *Vassar College*, vol.4, n.º2 (28.03.2004)

JACKA, Elisabeth, 2003, “Democracy as Defect – the impotence of arguments for public service broadcasting”, *University of Technology, Sydney*, vol.4, n.º2 (28.03.2004)

JESPERS, Jean-Jacques, 1998, “Jornalismo televisivo”, Coimbra, Minerva.

KIM, Pyungho et al., “A machine-like new medium- theoretical examination of interactive TV”, *Sogang University, Korea, Media, Culture & Society*, vol.24 (28.03.2004)

KIM, Sung Tae et al., 2002, “Communication Research about the Internet: a thematic meta-analysis”, *New Media and Society*, vol.4 (28.03.2004)

KIOUSIS, Spiro, 2002, “Interactivity: a concept explication”, *University of Florida, USA*, vol.4 (30.03.2004)

KLUVER, Alan R., 2002, “The logic of new media in international affairs”, *Nanyang Technological University, Singapore, New Media and Society*, vol.4 (30.03.2003)

LÉVY, Pierre, 1999, *Cibercultura*, Lisboa, Instituto Piaget

MATTELART, A., 1997, “A Comunicação Mundo”, Lisboa, Instituto Piaget

MATTELART, A., e M., 1997, “ História das Teorias da Comunicação”, Lisboa, Campo das Letras

MCQUAIL, Denis, WINDAHL, Sven, 1993, “Modelos de Comunicação para o estudo da comunicação de massas”, Lisboa, Editorial Notícias

ORTOLEVA, Peppino, 2002, “Un Mondo di suoni. La Radio e il Resto”, in Menduni, Enrico (2002), *La Radio. Percorsi e Territori di un medium mobile e interattivo*, Bologna, Baskerville.

PAPATHANASSOPOULOS, Stylanos, 2002, “European Television in the Digital Age”, Cambridge, Polity Press.

PRESTON, Paschal et al., 2001, “Digital media, nations –states and local cultures: the case of multimedia “content” production”, *Dublin City University, Media, Culture & Society*, vol.23 (28.03.2004)

PROULX, S., BRETON, P., 1997, “ A Explosão da Comunicação”, Lisboa, Bisâncio

RICHERI, Giuseppe, “As Plataformas Digitais e a Evolução da Indústria Audiovisual”, *Observatório*, nº2 (Novembro 2002), Lisboa, OBERCOM.

- ROSCOE, Timothy, 1999, "The construction of the World Wide Web Audiences", *Media, Culture & Society*, vol.21 (30.03.04)
- ROSENBERG, Bernard and David WHITE, 1972, "Cultura de Massa", São Paulo, Cultrix
- SCHIEDER, Steven M. et al., 2004, "The Web as an object of study", *New Media and Society*, Vol.6 (31.03.2004)
- SCHUDSON, Michael, 2003, "The Sociology of News", Nova Iorque e Londres, W. W. Norton
- SCHULTZ, Tanjev, 2000, "Mass media and the concept of interactivity: an exploratory study of online forums and reader email", Indiana University Bloomington, USA, *Media Culture & Society*, Vol.22 (31.03.2004)
- SHOMADE, Beretta, 2004, "Narrowcasting in the New World Information Order: a space for the audience?", University of Arizona, vol.5, n.º1 (31.03.2004)
- SILVER, David, 2004, "Internet/cyberculture/digital culture/new media/fill-in-the-blank studies", University of Washington, USA, *New Media and Society*, vol.6 (31.03.2004)
- SLEVIN, James, 2002, "Internet e Sociedade", Lisboa, Temas e Debates
- SPARKS, Colin, 2000, "The impact of the Internet on the existing media". Center for Communication and Information Studies, University of Westminster
- SYVERTSEN, Tryne, 2003, "Challenges to Public Television in the Era of Convergence and Commercialization", University of Oslo, vol.4, n.º2 (31.03.2004)
- TRAQUINA, Nelson, 1997, "Big show media – viagem pelo mundo audiovisual português", Lisboa, Editorial Notícias
- VAN DIJK, Ian, 1999, "The Network Society. Social Aspects of New Media", London: SAGE.
- VILCHES, Lorenzo, 2001, "A migração digital", Brasil, Edições Loyola
- WEBER, Ian et al., "Constructing the meaning of digital television in Britain, the United States and Australia", *New Media and Society*, vol.4 (30.03.2004)
- WILLHELM, Anthony, 2000, "Democracy in the Digital Age", New York, Routledge
- WOLTON, Dominique, 2000, "E Depois da Internet?", Lisboa, Difel

Ficha Técnica

Título	As edições noticiosas da RTP1, SIC e TVI
Coordenador Científico	Cardoso, Gustavo
Investigadores	Cardoso, Gustavo Amaral, Sandra
Coordenação Editorial	Espanha, Rita

OBERCOM - Observatório da Comunicação
Palácio Foz - Praça dos Restauradores
1250-187 LISBOA

e-mail: obercom@obercom.pt
tel.: 213221319
fax.:213221320
www.obercom.pt